

# Artes

# A CAPOEIRA EM SALVADOR

Não vejo necessidade de explicar a origem e o sentido do jogo da capoeira, uma vez que a maioria dos leitores desta página sabe perfeitamente do que se trata. Quero apenas trazer umas impressões pessoais, colhidas durante minha permanência na fascinante cidade de Salvador. Os locais mais conhecidos são: a Academia do mestre Pastinha que funciona às terças e quintas-feiras à noite em duas sessões, na ladeira do Pelourinho, um dos recantos urbanos mais pitorescos, felizmente ainda intactos desde os tempos coloniais — e outra de Curió e Pedro, na Ladeira da Saúde, funcionando com 2 sessões às quartas e sextas-feiras à noite. Nestas pratica-se a Capoeira tipicamente angloesa, enquanto o mestre Bimba, no nordeste de Amarilina, aos domingos à noite, cultiva a Capoeira africana misturada com estilos regional e moderno.

## CANTIGAS DA CAPOEIRA

Em geral, os cantos da capoeira constam de solo e côro. Sendo melodia com solo, um executa o canto e os demais fazem côro que (quase sempre) é um dos versos do solo. Sendo trecho sem solo, o mestre do terreiro lança um verso e os demais respondem com o final do mesmo verso ou com o seguinte. Os lutadores ouvem as cantigas e a musica de coelras, defronte aos instrumentistas. Às vezes permanecem em silêncio, outras vezes cantam e fazem "rezas fortes" para se livrarem de tocaias ou facadas. Em seguida se aparam do centro da roda e virando o corpo sobre as mãos começam um "ringado", ao mesmo tempo guarda e passo de dança. A capoeira pode-se aplicar o ditado: "Conforme a musica, a dança". E' que, consoante o toque do berimbau, assim são os lances do jogo. Os principais toques são: São Bento grande — jogo lleiouro; São Bento Pequeno — samba da capoeira; Banguela — jogo da faca, vivo e movimentado; Santa Maria — jogo compassado; Ave Maria — Hino da capoeira; Amazonas — jogo medio; Iúna — jogo rastelro; Cavalaria — aviso para anunciar a aproximação de estranhos.

## Q INSTRUMENTAL.

O INSTRUMENTAL  
O instrumental mais importante do conjunto que acompanha a Capoeira é o berimbau de barriga (urucungo). O tocador segura numa mão a vareta e o caxixi e com a outra as demais partes do instrumento, inclusive o "dobrão" (moeda) que serve para variar o tom. Usam-se, ainda, reco-reco, nandeiros e agorô.

os, bandeirros e agogo.  
**MESTRE PASTINHA**

**MESTRE PASTINHA**  
O mestre Pastinha, baixo e magro — apesar dos seus 63

anos, que, aliás, não apresenta — "joga" com admirável destreza, superando em agilidade e elegância os rapazes, todos de estatura mais avançada. Como verdadeiro mestre não transgride a regra fundamental da capoeira: após receber e dar inúmeros golpes e contragolpes, plantar "bananaíras", aplicar "rasteiras" ou desferir o famoso "rabo-de-aranha", a disputa deve terminar.

com a roupa nas mesmas condições de brancura do inicio. A despeito de virar no ar sobre um braço, saltar, rodopiar agilmente e passar um por dentro do outro num emaranhado de braços e pernas, tudo é feito a distancia do pó e do chão.

Cada jogo inicia-se com o improviso cantado; segue a ladinha. Como exemplo anotei o seguinte:

Impressões

ad lib

Ue - m - mo quem fui teu mestre : bum te ensinou a brincar :  
 O teu mestre foi Bezouro , aprendeu com Mangagi  
 Eu aprendi com Pastinha , queijo coeli - go abrincar

Leitura

ad lib

Ue, n. vivo a Balia , Terra grande de rioguera ,  
onde Deus fiz e mbrada ,  
entre campos e campinos ,  
onde lutei os camardes .

A luta é acompanhada por um conjunto de 2 urucungos, 2 pandeiros, reco-reco e agogô.

A "melodia" do urucungo é esta:

"Instrumentistas" e "jogadores" revezam-se constantemente. Eis o "hino" da Academia do mestre Pastinha:

Brasil, nosso Brasil, capoeira  
é a nossa glória  
Eu já fui juvenil, nasci em  
Salvador.  
Capoeira por todo Brasil, no  
momento da festa ou de dor.  
Bahia, minha Bahia, capital  
do Salvador.

Quem não conhece esta capoeira, não lhe dá o seu

Todos podem aprender, se  
valor.

Todos podem aprender, geral e tambem quem é doutor. Quem desejar aprender, venga Salvador, Procure Pastinha, ele é pro-

Luis Ellmerich

Pastinha foi um dos heróis dessa resistência. Conservou-se fiel à capoeira, fez centenas de "mestres", ensinou firme por mais de meio século, e — oh milagre de organização física e de pertinácia mental! — continua no casarão do Pelourinho, n.º 19, à frente da Academia Capocira Angola, que hoje figura com realce no roteiro turístico da velha Cidade do Salvador. A capoeira está finalmente reabilitada, com o apoio constante dos folcloristas nacionais, cada vez mais ativos na difusão da ciência do "Saber do Povo", como agora se faz nas sessões do I Festival do Folclore Brasileiro no Rio Grande do Sul.

Aos folcloristas, contudo, aponto uma campanha correiva. Buscando as origens do jogo da capoeira, encontrei no Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa uma definição que me parece passível de retificação. Ali está: CAPOEIRA — Jogo atlético em que o indivíduo, munido de navalha ou faca, e com meneios rápidos e característicos, pratica atos criminosos. Ora, isto é uma contrafação do jogo. Isto podia se pensar nos tempos de Floriano. Mas se o próprio Papa manda revisar o texto de algumas orações, para deles sanear as expressões pejorativas a outras confissões religiosas e a determinados povos, não vamos permitir que os nossos dicionários confundam o transcendenre com o secundário. Está na hora de mudar: CAPOEIRA — Jogo atlético bem brasileiro, torneio de agilidade, que exige reflexos fulminantes e oferece belos efeitos coreográficos. E no finzinho uma breve referência aos maiores cultores da modalidade. Com o calcanhar de Mestre Pastinha puxando terra na frente.

# A África 2136 à procura de si mesma

Waldir Freitas Oliveira

De volta ao Brasil após haver permanecido cerca de um mês em Dacar e de ter participado de todas as manifestações culturais do Primeiro Festival Mundial de Artes Negras desejo agora expor ao público baiano o que foi este grande acontecimento e sobre o mesmo tecer alguns comentários, com as perspectivas de um brasileiro em terras africanas.

Chegando a Dacar a 27 de março, encontrei a cidade ultimando os preparativos para a instalação solene do Colóquio sobre a função e significação da Arte Negra na vida dos povos. Bandeiras de todos os países participantes flutuavam ao vento em todas as praças; belos cartazes com o emblema oficial do Festival viam-se por todos os cantos; toda uma sinalização evidentemente recente indicava as direções a tomar para os pontos mais importantes de Dacar.

Foi nesta atmosfera que vivemos, os brasileiros chegados, eu, o Prof. Estácio de Lima, Clávila Valadares, Raimundo de Sousa Dantas, Embaixador do Brasil em Gana e o pintor Dr. dos Prazeres.

## O Colóquio

A 30 de março instalou-se o Colóquio no prédio da Assembleia Nacional em sessão presidida pelo Presidente da República do Senegal, Leopold Sedar Senghor e contando com a presença do Ministro das Relações Culturais da França, André Malraux, do representante da UNESCO, o brasileiro Louival Machado e do Sr. Alioune Dion presidente da Sociedade Africana de Cultura, além de representantes dos 37 países convidados para o Festival.

Foram sem dúvida os discursos de André Malraux e de Sedar Senghor aqueles que definiram melhor a significação e os objetivos do conclave.

André Malraux definindo os dois significados básicos da cultura negra — a contribuição do passado já definitivamente incorporada ao patrimônio artístico da humanidade e a contribuição do presente em busca da criação de um futuro tão grandioso quanto o foi o passado histórico dos povos negros. Enquanto o Presidente Senghor, em bela peça oratória, exaltava a "Negritude", procurando demonstrar a originalidade dos valores da civilização e da arte negra.

Após defender a tese de que a arte negra continuava viva e atual, a preencher suas funções, expressando a vida, dando-lhe sentido e ajudando os homens para uma vida melhor, tendo sido mesmo capaz de em terras outras que não as africanas conservar-se e renovar-se sobre suas próprias raízes como se deu por exemplo nos Estados Unidos (e acrescentamos, também no Brasil), exaltou Sedar Senghor os artistas negros africanos que hoje buscam vivificar suas obras de arte inspirados na história e nas tradições dos povos negros.

Proseguiu o Presidente do Senegal, vale lembrar, um dos maiores poetas dos nossos dias em língua francesa, defendendo a tese humanista da construção de uma Civilização do Universal, da qual participassem os povos negros devolvidos à sua autenticidade, o que vale dizer a sua dignidade original.

"Sermos nós mesmos, cultivando nossos valores primitivos tais como os encontramos nas fontes da Arte Negra: aqueles situados além da unidade profunda do gênero humano, porque nascidos de fatores biológicos, geográficos e históricos e que constituem a marca da nossa originalidade no pensamento, no sentimento e na ação.

"Sermos nós mesmos, não sem contribuições alheias, mas não por procuração, e sim pelo nosso próprio esforço pessoal, em suma, por nós mesmos"

Para finalizar, exortando a todos os povos negros a abandonarem o espírito de imitação, dominante durante o período colonial e a procurarem o espírito criador que caracterizou a arte negra durante milênios, dando aos povos africanos primitivos a categoria de autênticos produtores de civilizações uma vez que no novo humanismo do Século no qual vivemos não poderá faltar a contribuição de um único povo, de uma única raça, de um único continente no caso específico, a dos povos negros.

Os trabalhos do Colóquio desenrolaram-se até o dia 7 de abril dêle tendo participado as maiores autoridades mundiais em Arte Negra, entre outros o Prof. William Fagg, do Museu Britânico, o Prof. Roger Bastide, da Universidade de Paris e Katherine Dunham famosa coreógrafa e dançarina norte-americana.

## ARTES MARCIAIS

seus males, físicos e espirituais.

Em japonês, o termo Aikido é formado pela junção de duas palavras: *aiki* quer dizer correlacionar nossa energia espiritual — *ki* — ao movimento da natureza; *do* é o princípio de nossa moral, nosso comportamento no caminho da vida, ou seja, a constante aplicação de *ki* no cotidiano.

Tratando-se com reverência e respeito, mestres e alunos exibem a precisão dos golpes, utilizando-se das mãos, do forte apoio nas pernas e de movimentos ritmados do tórax. Parece um jogo de adivinhação do que vai na cabeça do oponente, e o Aikido pretende exatamente isso, avaliar corretamente a situação objetiva que se apresenta, desde uma simples demonstração até a defesa diante de um assaltante. Contrário a qualquer tipo de ataque, valendo-se mais do corpo invisível do que do visível, a grande energia que um praticante do Aikido consegue é, muitas vezes, suficiente para imobilizar ou afastar um adversário, sem outra força que não a da mente. Conta-se, que o grande mestre Morihei Ueshida, que introduziu esta luta no Japão, em 1925, era capaz de derrubar um homem a muitos metros de distância usando apenas o poder da mente.

Adotado por inúmeras universidades japonesas, no Brasil calcula-se que sejam mais de três mil os praticantes do Aikido, todos formados a partir dos mestres ensinados pelo professor Kawai, como é o caso de José Gomes Lemos, 61 anos, faixa preta do 3.º grau. Ele começou a praticar aos 50 anos, quando estava se "preparando para envelhecer". Aplicou-se de tal forma que, a partir de então, largou o cigarro, os maus hábitos alimentares e começou a viver em plenitude. "Inclusive", diz ele, "introduzi no Clube Palmeiras o ensino do Aikido, e recomendo a sua prática a todos aqueles que, em

qualquer idade, necessitam de um suporte filosófico para suas vidas".

O caminho dos pés e das mãos, o Taekwon Do é muito distinto das lutas anteriores, podendo ser classificado como uma arte marcial dura em que os movimentos externos prevalecem sobre os internos. Nem por isso esta modalidade de luta abandona os princípios éticos, a busca de equilíbrio e a união do corpo e mente.

Tão popular na Coréia, de onde é originário, quanto o futebol em nosso país, segundo o mestre coreano Chang Seon Lim, professor em Belo Horizonte, o Taekwon Do é uma arte muito nobre, porque tem princípios de base que a tornam mais elegante que as outras lutas duras, não se podendo atacar o rosto do adversário com as mãos, como no Karatê, nem segurá-lo ou empurrá-lo. Faixa preta internacional de 6.º grau, mestre Lim explica que é necessário um treinamento mínimo de dois anos para se chegar à faixa preta e, segundo ele, o praticante durante o treinamento desenvolve a concentração mental, a autoconfiança, o

desenvolvimento físico e o perfeito equilíbrio mental.

Além disto, a prática da Yoga é realizada durante meia hora antes do treinamento físico e, mais do que as formas de ataque e defesa desenvolvidas, o discípulo entra em contato com "uma fascinante filosofia de vida, saúde e controle mental". Para o mestre Yong Min Kim, também coreano, radicado no Rio de Janeiro, os princípios do Taekwon Do levam à cortesia, integridade, perseverança, autocontrole e a um espírito indomável:

"A competição é muito violenta, mas o Taekwon Do visa coisas maiores, servindo para equilibrar nossas ações no cotidiano, buscando o equilíbrio e preenchendo as necessidades espirituais do homem."

Demonstrando muita força e rapidez nos seus movimentos, o Taekwon Do é considerado uma das artes marciais mais aguerridas, com vários golpes visando pontos vitais. A maioria dos golpes é feito com os pés em verdadeiros vôos que visam o rosto do adversário e uma parte menor se utiliza das mãos. Literalmente, seu significado é o seguinte: *tae*,

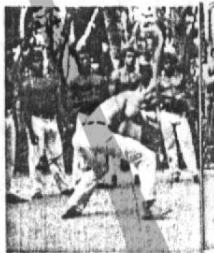
técnica das pernas ou de chutar saltando; *kwon*, punho ou técnica das mãos, e *do*, caminho, arte, processo de amadurecimento do espírito e do corpo, tornando-os um só.

Para os praticantes desta modalidade, foi uma grande vitória a inclusão do Taekwon Do nas próximas Olimpíadas de Los Angeles, em 1984, e agora eles estão procurando formar e enviar uma delegação brasileira às competições, ao mesmo tempo em que lutam para que seja realizado em nosso país o VI Campeonato Mundial.

A história do Jiu-Jitsu em nosso país confunde-se com a da própria família Gracie. Por volta de 1917, chegou ao Pará e lá se radicou o famoso Mitsuyo Maeda, ex-campeão mundial e professor de Jiu-Jitsu, conhecido como Conde Koma. Nesta época, ainda adolescente, Carlos Gracie, hoje com 80 anos, passou a freqüentar as aulas que Koma ministrava em Belém do Pará. O mestre japonês gostou daquele rapaz farranzinho mas muito corajoso e passou a lhe ensinar todos os segredos do verdadeiro Jiu-Jitsu, tal como



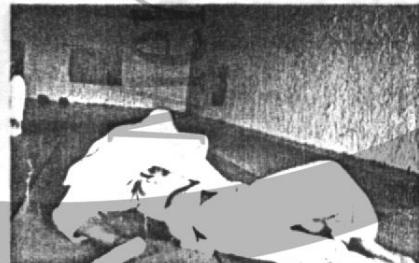
O mestre do Taekwon Do, Chang Seon Lim, executando golpes precisos (acima).



O mestre do Taekwon Do, Chang Seon Lim, executando golpes precisos (acima).



Reyson Gracie, professor de Jiu-Jitsu, praticando com uma aluna (acima).



## “BATISMO” DE CAPOEIRA

Hoje, a partir das 15,30 horas, o folclore tem festa no Centro de Capoeira Regional Ilha de Maré. Os motivos são três: comemoração do “batismo” de 50 novos alunos, 2.º aniversário do Centro e inauguração de sede, à rua Augusta, 1.397.

A sala, não muito ampla, já está ornamentada com chocinhos, porongos e berimbau. Nas paredes claras encontram-se desenhos de capoeiras “jogando”, feitos pelos próprios alunos, sob a orientação do mestre Paulo Gomes da Cruz.

Mestre Paulo nasceu na Bahia, em 1941. Desde menino demonstrava aptidões físicas para o esporte e a briga. Numa dessas brigas, um garoto conseguiu espetar seu olho esquerdo com um pedaço de osso. Seu corpo também está forrado de cicatrizes. São recordações dos momentos difíceis por que passou; tiros e facadas que recebeu.

— Ah, mas estávamos falando do “batismo” de capoeiras, não é mesmo? Trata-se de uma cerimônia tradicional na Capoeira Regional. O ritual é próprio, simplificado ou solenizado de acordo com a

orientação do centro de ensino.

Mestre Paulo Gomes dá exemplos: no Centro do Mestre Bimba, na Bahia, o “batismo” é uma singela e alegre festa em que o aluno nôvo, que já aprendeu os passos de Capoeira, “joga” pela primeira vez ao som do berimbau e outros instrumentos musicais, geralmente com um “padrinho” escolhido entre os alunos “formados” mais antigos.

— Aqui no nosso Centro a cerimônia é mais solene, uma vez que marca estágio importante no aprendizado. O aluno iniciante “joga” comigo, ao som de instrumental típico, realizando um autêntico teste de tudo que já lhe foi ensinado. Aprovado, muda de vestimenta, iniciando a fase efetiva do aprendizado.

Mestre Paulo Gomes lembra como foi que aprendeu a “jogar” capoeira. Joyem ainda transferiu-se para o Rio de Janeiro. De lá foi “vendido” como peão para uma fazenda de Mato Grosso, de onde fugiu perseguido por capangas armados. Foi lavrador no Paraná, peão nos pampas gaúchos, garimpeiro no Mato Grosso, seringueiro no Amazonas e mineiro na Bolívia.

— A experiência dessa vida errante forçou o desenvolvimento autodidata de uma forma de luta, que adquiriu condições técnicas quando tive conhecimento com a capoeira. Desde o início pratiquei a capoeira regional.

Mestre Paulo só tem diploma do curso ginásial. Hoje e sempre vem esforçando-se pela concretização de grande ideal de sua vida: oficialização da Capoeira como luta brasileira.

— Ora, não podemos perder o “fio da meada” senão atrapalha tudo. Sabe o que é preciso para se chegar ao “batismo”? O aluno deve executar com desenvoltura vários movimentos simples da capoeira, reunidos numa série de quatro “sequências”. Isto acontece, em geral, após 30 aulas ou prazo de três meses.

Mestre Paulo Gomes acha que os alunos fizeram ótima escolha, ao convidar o prefeito Aldino Pinotti, de São Bernardo do Campo, para párainho da turma. Ele comprou um berimbau para presentear o administrador daquele município do ABC.

Durante a festa de hoje, a roda de capoeira vai ser formada. Os mestres entram na

Deise Sabbag

sala, seguidos dos alunos, que fazem reverência ao berimbau (símbolo do “jogo”). Todos ficam em volta de um círculo branco, desenhado no meio do recinto.

Mestre Paulo vai tocar o berimbau e chamar os alunos pelo apelido. Eles apresentam-se vestindo calças e camisas brancas tarjadas com faixas pretas. Todos cantam o hino do Centro de Capoeira Regional, que entre outras coisas diz:

— Quem tem coragem que chegue, quem não tem pode voltá, cabra bom é respeitado, nego molé dá no pé...

Nova reverência ao berimbau. Todos os aprendizes cantam alto enquanto dois “jogam” os braços e as pernas contra o outro simulando golpes na região alta do corpo. Fazem isso durante três minutos, após o que saem para entrada de outros dois, que repetirão os mesmos gestos da Capoeira Regional.

Após estas apresentações será oferecido coquetel com bebidas e pratos típicos baianos, servidos pela famosa quilitreira Maria Raimunda, personagem de um dos romances de Jorge Amado.



A comissão reúne-se diariamente sob a presidência do secretário da Justiça

A TARDE

A TARDE. Salvador, 9 maio 1966

Hildegardes Vianna

# Artes do

## BATUQUE NÃO É TÃO SIMPLES

Hildegardes Vianna

O samba, todos nós sabemos, é executado em cada região de maneira peculiar, dependente sempre das influências sofridas ou das condições ambientais. Dança em que o instinto fala mais forte que a disciplina coreográfica, dança lasciva, por vezes obscena, por isto mesmo muito pouco ao alcance ritmico de elementos alienígeros, o samba vive em função do meio, em que se desenvolve e de quem dança.

O samba nasceu do *batuque*, que evoluiu e se descobriu em várias modalidades. Entretanto não se poderá estabelecer uma rigorosa cronologia nem identificar com segurança a natureza dos seus passos originais, por falta de documentação ou informações precisas.

*Batuque* é uma expressão genérica, dada pelos português, para qualquer dança africana. Ora designa os bailes populares de negros, ora a danças indecentes terminadas com umbigadas, ora os grupos de homens imóveis cantando e batendo palmas, do mesmo modo que batidas de tambores ou de atabaques.

Temos alguns depoimentos de pessoas sobejamente conhecidas, de gente que conviveu com o povo e escreveram suas impressões. Mas são quase sempre indicações vagas, que não conduzem a alguma solução clara de como seria o *batuque*. Aumentam a confusão em lugar de esclarecer.

George Wilhelm Freireyss, por exemplo, narra o caso de um padre que negou absolvição a um paroquiano, que dançava o *batuque*, devido a sua natureza lasciva, acabando desta forma a dança na localidade. Mas como seria a dança? Não está devidamente explicada. Mas na época de Freireyss, princípios do século XIX, de côrdo com o que ele conta, raro era ver no campo outra dança, embora nas cidades as danças inglesas tivessem substituído o *batuque*.

Já anteriormente Henry Koster falava nas danças dos negros livres, no início do mesmo século, da seguinte maneira: "Um círculo se fechava e o tocador de viola sentava-se num dos cantos e começava uma simples toada, acompanhada de algumas canções favoritas, repetindo o refrão, e frequentemente um dos versos era improvisado e continha alusões obscenas".

Mais adiante, sobre as danças dos negros, escreve que eram feitas com instrumentos muito rudes — "Um deles é uma espécie de tambor formado de uma pele de carneiro, estendida sobre um tronco óco de árvore. O outro é um grande arco, com uma corda, tendo uma quenga de coco no meio, ou uma pequena cabaca marrada. Colocam-na contra o abdômen e tocam a corda com o dedo ou com um pedacinho de pau".

Koster, apesar da clareza da descrição, não indica se dançavam com passos de deslise ou sapateado. Apenas dá uma visão da diferença existente entre o nível dos escravos e o dos negros livres, através a utilização dos instrumentos. Identifica-se sem esforço atabaque e berimbau como instrumento de escravos e de *batuque*. E a viola? É inevitável a pergunta, por parte dos que já leram alhures que a viola e o pau-deiro são integrantes responsáveis pela evolução do *batuque* em *samba* e outras danças.

Iolaniare, sempre tão citado, da mesma época dos anteriores, fala no *lundu* que ele chama enfaticamente de "dança mais cínica que se possa imaginar, nada mais sendo que a representação do amor carnal". Não alude ao *batuque*, então vivo e em atividade nas mesmas regiões por onde andou.

*Batuque* e *lundu* eram sinônimos, explica Bernardo Bastos, mas nem sempre significando a mesma coisa, havendo outras danças semelhantes com nomes diversos. Há também notícia de uma dança em forma de pantomima, consignada por Martius, num aldeamento de indígenas Puris em Minas. "As mulheres remexiam os quadris fortemente, ora para a frente, ora para trás, e os homens davam umbigadas incitados pela música".

Salvador, 9.5.1966

# Artes (do)

DIÁRIO DA NOITE. São Paulo, 23 de junho de 1964.

ARLEY PEREIRA.

INCORPORADO AO FOLCLORE NACIONAL, JÁ ERA CONHECIDO NA  
ALEMANHA HÁ 3 SÉCULOS

## CAPOEIRA IMPORTOU BERIMBAU DA EUROPA

80  
E' noite quente na Bahia. Durante o dia a Procissão do Senhor dos Navegantes deu um cunho católico à maior festa folclórica do Brasil. Agora nos terreiros de candomblé, Yemanjá, a Rainha do Mar é festejada por seus filhos. No terreiro, as duas notas do berimbau marcam a capoeiragem. Corpos ageis e suados cortam o espaço com a graça de bailarinos consagrados em palcos internacionais. A roupa, imaculadamente branca, assim permanece apesar dos volteios, das gingas, das esquivas e dos ataques. E o berimbau é a legenda necessária para o jogo.

# Artes



## AQUI ESTÁ O BESOURO, BADDEN

Texto de Rui Rebêlo

Com licença, Baden Powell. Sua musica venceu a Bienal do Samba e vai receber hoje à noite o prêmio a que fêz jus. Mas deixou os capoeiras tristes, pois era tambem a de Besouro Mangangá, o maior capoeira de todos os tempos. Sabe quem era ele, Baden? Um negro alto, valente, defensor das mulheres e dos perseguidos, capaz de enfrentar toda uma tropa de cavalaria. Prá lutar não havia igual, e na ponta de seu facão morreu muito cabra macho.

Nunca ninguém escreveu a história de Waldemar de tal, vulgo Besouro, nascido lá pelos lados de Santo Amaro, no Recôncavo Baiano, em fins do século passado. Seu desejo era ser enterrado na Lapinha, com as roupas de guerra (chapéu de Panamá, paletó almofadinha), e o caixão levado só por mestres de capoeira. Por isso mandava no berimbau um aiuna-verdadeira (toque funebre) e cantava o desejo, em meio ao "Zum-Zum-Zum" que era seu grito de guerra.

Sua história, Baden, mistura-se com a lenda, transmitida de boca em boca pelos capoeiras, enquanto seu canto foi transformado em hino, até chegar à Bienal da Record.

### REI DOS CAPOEIRAS

Em Santo Amaro, lugar em que 99% dos baianos são capoeiras e o restante 1% está aprendendo, é que Besouro criou fama. No comêço do

século, apesar de abolida, ainda existia uma semi-escravidão nos engenhos baianos, com os pretos sendo cruelmente perseguidos pelos capitães de mato. Nesse ambiente hostil, a força era a lei, o Besouro o grande protetor dos fracos. Ele que obrigava os senhores de engenho a pagar suas dívidas, enfrentando traições e ciladas.

Capoeira naquele tempo era proibida, e os capoeiras que a estivessem jogando não podiam arredar pé da roda quando a cavalaria avançasse. Se os soldados estavam perto, o berimbau mudava de ritmo e dava o toque de "cavalaria". Muitos fraquejavam e pensavam em fugir, mas a figura imponente de Besouro dominava a roda e eles terminavam.

Numa tarde de estio, com o chão molhado, Besouro estava na roda quando um destacamento de uns 15 cavalarianos carregou contra ele. Sózinho, golpeando forte com seu facão, o capoeira pôs os soldados para correr, tudo isso sem macular sua vestimenta branca. Daí a tradição de que o bom capoeira briga na terra batida sem sujar a roupa, pois só as mãos e os pés é que tocam no chão.

Mas na Bahia não faltava valentes, e a coroa de Besouro era disputada por todos os capoeiras do Recôncavo. Eles vinham de longe para desbancá-lo, e o berimbau dava o

toque de "benguela", anunciando briga de facão. No final, só Besouro estava de pé.

### FIM DE VALENTE

Fim de valente é sempre à traição, e Besouro tem três mortes para serem contadas. Duas versões afirmam que quem o traiu foi a amante, uma capoeira mulata que de uma feita botou 12 no chão e por isso ficou conhecida como "Maria Doze Homens". Outros, porém, dizem que foi um amigo que o matou, com uma facada à traição.

Segundo a lenda, "Maria Doze Homens" delatou-o por dinheiro e uma emboscada lhe foi preparada numa passagem sinuosa. Quando Besouro fez a curva, uma faca de bambu abriu-lhe a barriga, mas enquanto às tripas iam saindo ele as ia colocando de volta. Só quando veio o médico e lhe injetou veneno na veia é que morreu.

Mas seu espírito ficou, e nas rodas de berimbau os capoeiras ouviam um "zum-zum-zum" e ficavam possessos, fazendo coisas que depois não acreditavam. Só houve um jeito de afastá-lo: cantar sua "chula", que, por coincidência, tinha um ínfio igual ao de sua musica, Baden Powell:

E quando eu morrê  
E quando eu morrê  
Ói, me enterre na Lapinha  
Chapéu de Panamá, paletó  
almofadinha.

Jornal da Bahia - 28-1º-66

# “Bimba” Formará Mais Seis

Em solenidade que terá lugar às 14 horas do próximo domingo no Centro de Cultura Física Regional, no Nordeste de Amaralina, o "mestre Bimba" formará nova turma de capoeiristas. Os seis formandos cumprirão o ritual "jogando" com os mais famados "jogadores" de capoeira da escola de "mestre Bimba" e logo a seguir receberão seus diplomas. Os novos capoeiristas são: Perne longa, Calça Preta, Rio Vermelho, Gta. Medeiros e Mon tem negro.

A partir das 14 horas do pró-  
enome de visitantes, como  
sempre ocorre. **O** curso  
que domingos a Academia de

# Academia de Bimba deverá ter novos capoeiristas

Estado da Bahia  
8-7-66  
99

Ell Costa

A GAZETA ESPORTIVA. São Paulo, 9 de abril de 1964.

PEDRO PAULO BRAGA.

# Artes

## BIRIMBAU: ORIGEM DA CAPOEIRA

PEDRO PAULO BRAGA

Uma das características da dança do Birimbau que encontramos nos festeiros praticados na Bahia, em honra de Nossa Senhora dos Navegantes, é o chamado jogo de capoeira. É costume reunir-se nestas ocasiões, os maiores capoeiristas do reconcavo. É o Birimbau de Santo Amaro, Mestre Bimba com toda a sua técnica e sua arte, é o negro Tomas de Agua de Menino com o seu jeito matreiro e inteligente.

Como uma das modalidades da dança mais primitiva do negro, ela foi, pouco a pouco, se desvirtuando, tornando-se por fim, em arma agressiva dos malandros dos Morros do Rio de Janeiro. Assim é que nasceu com essa capoeira agressiva, o "rabo de arraia", a "cabeçada", a "gravata" e tantas outras modalidades de golpes atribuídos ao jogo da capoeira. Mas, é preciso notar que a capoeira mesmo nasceu do ritmo lento e disciplinado da dança do birimbau, como instrumento capaz de impôr certa orientação aos movimentos do corpo. Falando na sua linguagem típica, com acentuação melódica e monocordica, o birimbau fez a música que iria atuar disciplinando os movimentos sensuais que o espírito de rebeldia do negro imprinia na alma brasileira do segundo império. Isto porque, o negro sempre submissos às conveniências da época, só puderam se expressar através da música. Não podiam ir muito além, quando se utilizaram de instrumentos que pudessem falar à imaginação e ao sentimento de todos. Por isso mesmo, tiveram de se utilizar da mímica, dos gestos, dos movimentos corporais, quando queriam se fazer entender pelo grupo. Através do ritmo expressionista da capoeira, no compasso sincronizado do "São Bento Grande", do "São Bento Pequeno" e do "de-gola", sempre acompanhados pelos birimbau, e dos reco-recos, elas se integraram e se organizaram nas senzalas, como uma nova forma de luta em defesa dos seus direitos.

Mas, vejamos a capoeira na sua forma mais pura. Ali está o círculo com seus capoeiristas, o juiz da peleja, os tocadores de birimbau, e os assistentes em redor. A luta vai começar. Os birimbau se ajustam, e dois cantadores começam a cantar. É o hino da capoeira na sua fase inicial:

- (solo) — Tiririca, faca de colá  
jacatimba moleque de sinhá
- (côro) — Alangoé, caba de matá  
alangoé
- (solo) — Marimbondo dono do mató  
carapato dono de fóia  
todo mundo bebe caxaca
- (côro) — negro D'angola só leva fama  
Alangoé, som bento tá me chamano  
alangoé
- (solo) — Cachimbó ná fica de fora  
sinhá véia ná é más do mundo  
doença que tem ná é boa  
ná é couza de fazé zembaria
- (côro) — Alangoé, som bento té me chainando  
alangoé
- (solo) — Pade Ingangá fechou corôa  
hade de mórê  
parente ná caba de matá
- (côro) — camarado, toma sítido  
capoeira, tem fundamento
- (solo) — Alangoé, som bento tá me chamano  
alangoé, caba de matá
- (côro) — Alangoé, alangoé... (etc.)



Memórias de uma geraçāo e imaginação

Estados de Bahia  
Salvador, 3-10-1961

# Artes

Expo. de Artes Plásticas  
(Salvador, 3-10-1961)

Expo. de Artes Plásticas. No hall da  
Biblioteca Pública, inaugura-se hoje feria  
última, & exposição de desenhos e painéis  
do grupo pintor Emanuel Araujo, constan-  
te de 22 quadros. Cada quadro afi-  
brisa: A exposição apresenta todos  
quadrados compreendem os atos, tendo  
em vista o talento do artista, que  
pela formação e experiência  
deve ser um dos maiores  
pintores da Bahia. Emanuel Araujo  
é professor de Escola de Belas Artes.  
Na foto abaixo, vê-se o quadro de Emanuel  
que retrata o ato de Emanuel Araujo  
no ato, com motivo original de  
Eduardo: o qual retrata "Eduardo".  
- Obs. Mauá de Emanuel Araujo  
- Espero. (muito sorte)

Memória imagem em gabinete

- integras clássicas linhas
- pintura
- Emanuel Araujo

# 150 ernani silva bruno capoeira de angola e da bahia

Encerrou-se há poucos dias no Rio de Janeiro o II Simpósio de Capoeira, que não contou com a presença de Mestre Pastinha — com setenta anos de idade e quase cego — e não pôde ser assistido, até o seu encerramento, por Mestre Bimba. Mestre Bimba e Mestre Pastinha (entre outros) promoveram a bem dizer a estilização do antigo e violento estilo de luta introduzido no Brasil pelos africanos, transformando-o em uma espécie de esporte e de bailado, hoje praticado na Bahia sob a denominação de capoeira regional.

Essa capoeira regional, conta Jorge Amado que nasceu da introdução — na primitiva luta — de uma porção de golpes de box, de jiu-jitsu e de "catch-as-catch-can", que Mestre Bimba aprendeu durante uma viagem ao Rio de Janeiro, parece que em torno de 1915. Criou-se, dessa forma, uma espécie de academia (que passou então a ensinar a capoeira esportivamente) a que se seguiram depois outras: a de Mestre Pastinha, a de Traíra, a de Valdemar, a de Canjiquinha. Nessas academias a luta é simulada e por isso a habilidade de seus praticantes tem de ser ainda mais requintada que aquela que se requeria para a luta franca.

## ESPORTE AFRICANO

Era um tipo de luta conhecido, desde tempos remotos, em Angola e em outras áreas da África Ocidental e que acabou sendo trazido para várias regiões de concentração de escravos africanos (precedentes daquelas áreas) no continente americano. Inclusive para o Brasil, onde ganhou a denominação de capoeira.

Porque capoeira? A resposta tem de ficar no domínio da conjectura, porque aqueles que estudaram o assunto não chegaram a uma conclusão pacífica. Supõe-se que a denominação tenha sido adotada porque no tempo do cativeiro os negros fugiam à perseguição dos capitães-de-mato se escondiam nas capoeiras e, quando descobertos, procuravam se defender por meio dos golpes característicos da luta africana.

A despeito de considerado jogo perigoso e por isso proibido pelas autoridades (pelo menos desde a época da independência do Brasil) desenvolveu-se o esporte angolense sobretudo no Rio de Janeiro, na Bahia e em Pernambuco, costumando se exibir os capoeiristas da cidade do Salvador, principalmente no domingo de Ramos e no sábado de Aleluia.

## DUAS DESCRIÇÕES

Conhecem-se algumas descrições da antiga capoeira. Do começo do século passado, a do desenhista João Maurício Rugendas, acompanhada de uma estampa: "Os negros têm um folgado guerreiro violento, a Capoeira, que consiste em dois contendores se jogarem um contra o outro, como dois bodes, procurando dar marradas no peito do adversário para derrubá-lo. Neutralizam o ataque por meio de paradas ou fogem-lhe com o corpo, em hábeis saltos".

Manuel Querino — o cronista da velha Bahia — prestou um depoimento mais completo. Diz ele que a capoeira consistia em rápidos movimentos de mãos, pés e cabeça em certas desarticulações do tronco e particularmente na agilidade de saltos para a frente, para trás, para os lados, tudo em defesa ou ataque corpo-a-corpo.

Explicava ainda que no ato da luta toda a atenção do capoeirista se concentrava no olhar do contendor, pois um golpe imprevisto, um avanço em falso ou uma retirada negativa podiam dar a vitória ao adversário. Os capoeiristas mais hábeis, logo aos primeiros assaltos, conheciam a força do competidor. E começavam a tentar golpes de várias espécies: a rasteira, a cabecada, o rabo-de-araia, o tombo-de-ladeira.

## OS CAPOEIRISTAS

No decorrer do século passado havia os capoeiristas de profissão, conhecidos pela atitude singular do corpo, o andar arrevezado, as calças de bôca larga, argolinha de ouro na orelha e o chapéu posto de banda. Para se avaliar o perigo que eles representavam — como escreveu Melo Moraes Filho — basta lembrar que em um só instante um capoeirista podia levar de vencida dez ou vinte homens que desconhecessem esse tipo de luta.

Esses capoeiristas profissionais formavam grupos que prestavam serviços a determinados chefes políticos no tempo da Monarquia, inclusive impedindo que os adversários penetrassem nos locais das eleições.

Curioso é que, durante a Guerra do Paraguai, o governo da província da Bahia fez com que numerosos capoeiristas seguissem para as frentes de combate. E vários deles se destacaram, sobretudo nos assaltos a baioneta, tal como ocorreu no episódio em que participaram companhias de Zouavos Baianos no ataque ao forte de Curuzu.

Nos primeiros anos da Era Republicana — em torno de 1890 — um chefe de polícia do então Distrito Federal (Sampaio Ferraz) declarou guerra de morte à Capoeira, prendendo inúmeros praticantes desse esporte (pretos e brancos, pobres e ricos) e de certa forma acabando com a ameaçadora instituição no Rio de Janeiro.

## EIRA DE ANGOLA E DA BAHIA

### AO SOM DO BERIMBAU

Na prática atual das academias baianas (tal como ocorria também no antigo e violento jogo introduzido pelos negros angolas) o jogo da Capoeira se faz ao som do berimbau, instrumento que consta de um arame amarrado sobre uma vara de modo a formar um arco, tendo presa na extremidade inferior a metade de uma cabaça. Bate-se o instrumento, em numerosos ritmos, com uma vara de madeira que se mantém na mão direita junto com um caxixi (cesta delgada, de cana ou de palha, contendo buzios ou pedrinhas) enquanto a mão esquerda aperta e solta, alternadamente, um vintém de cobre contra o arco.

Além do berimbau (instrumento cujos antepassados seriam certas caixas sonoras, feitas de cabaça, conhecidas na Índia e em várias regiões africanas) utilizam-se, no folgado da Capoeira, o ganzá, o pandeiro, o reco-reco e às vezes o agogô.

A música produzida em conjunto por esses instrumentos — música às vezes muito viva, às vezes dolente, lembrando certos ritmos utilizados no Candomblé — o som inconfundível do berimbau imprime uma estranha beleza, que tem servido de inspiração, nos últimos anos, a vários compositores populares.

A Capoeira (sua coreografia, sua música) constitui um dos mais curiosos elementos da vasta contribuição dos negros africanos à caracterização da cultura brasileira.



Benedito Peixoto

Foto de Marcel Gautherot

# Artes CAPOEIRA DE ANGOLA

Benedito Peixoto

Foto Marcel Gautherot

Em Salvador e outras cidades da Bahia, nas festas populares, e também aos domingos e feriados, é comum ver homens formando um círculo tendo de um lado alguns tocando birmimbau, pandeiros, e cantando, enquanto no meio, dois outros executam movimentos que ora se assemelham a uma dança, ora a uma luta em que a ação principal cabe aos pés. É uma roda de Capoeira, ou "brinquedo", como também gostam de chamá-la com ternura os seus participantes.

Essa luta dançada, até mesmo acrobática, deve o seu aparecimento à escravidão, pois os seus criadores foram os homens negros trazidos de Angola para a Bahia. A causa do seu aparecimento foi a determinação dos escravos de lutarem contra as condições de vida que lhes foram impostas no novo meio.

Nessa luta de escravos contra senhores, por várias razões, aquêles não podiam lançar mão de armas. Mas podiam valer-se da astúcia, e a ela recorreram. Foi com astúcia que trattaram de preparar-se fisicamente para enfrentar situações difíceis nas fugas planejadas, utilizando um tipo de luta rápida e decisiva que dava oportunidade de enfrentar muitos sem precisar seguir nenhum nem se deixar agarrar. Ainda astuciosamente foi introduzida a música, com o objetivo de disfarçar o aspecto de luta des-sa-mática.

Não ficou, entretanto, restrita ao escravo a prática da Capoeira. Na Bahia, um bom capoeira era uma espécie de protetor dos fracos contra as exibições dos mandões, o que o levava a constantes rixas com a polícia. Enfrentá-la e vencê-la era sonho de todo capoeira novo. Aquêle que se prezasse não podia deixar de ter dessas reffegas na sua fé de ofício. Intervinha contra a polícia, com ou sem conhecimento do que se passava. Nem a cavalaria o amedrontava. Era esta o adversário que mais empolgava, tanto que há, entre os toques da Capoeira, um dedicado a avisar a aproximação da cavalaria.

A Capoeira de Angola é bonita, alegre, artística, colorida, intensa, vibrante, até irônica e humorística, coreográfica, enfim, cultivada não só como esporte de luta mas também de recreação. Possivelmente se não tivesse tais qualidades não seria admirada, pois não estava afinada com o espírito popular. Mas não podia deixar de ser assim, pois a capoeira é filha do povo, até no ritmo musical, que outro não é senão o ritmo do samba. Os sambas da Capoeira, aliás, são ricos e variados. Alguns dêles, sendo criação popular como tal co-

nhocida, figuram em sambas hoje gravados em discos, nos quais se omite a sua origem. Fis as letras de alguns dos sambas mais cantados em roda de capoeira: O menino é bom, "camarado" / Cuidado com ele "camarado". Ou então: E faca de cortar, "camarado" / É água de beber, "camarado". Mais: E ferro de gomar, "camarado" / Cuidado com ele, "camarado". Mas há muito improviso. As cantigas muitas vezes elogiam os lutadores, outras os ironizam.

É interessante notar que a Capoeira, embora exercitada de modo recreativo, possibilita ao homem adquirir condições físicas excepcionais, provadas nos momentos de defesa ou de ataque, o que evidencia a excelência da prática desse esporte. Mesmo como recreação atende às exigências de preparo de um lutador.

Essa forma recreativa, adotada para a prática da Capoeira, na Bahia, além de mostrar uma das suas facetas, evidencia a inteligência dos seus cultivadores ao conformar as dificuldades da execução desse esporte.

A prática da Capoeira ressentiu-se ainda da falta de uma regulamentação, de que é decorrência natural não existirem competições sob a forma de torneios e campeonatos. Edison Carneiro se refere a um arremedo de regulamento de que transcreve a marcação, que para ele mais pareciam "sinais cabalísticos". O que se observa, de fato, durante um jôgo, é um dos lutadores retirar-se voluntariamente, por se achar em inferioridade ante o

seu competidor, ou então saírem ambos, por se sentirem cansados ou por terem esgotado o tempo. Os músicos e cantores às vezes desempenham o papel de juiz, opinando a favor de um dos contendores quando o outro se mostra enfraquecido. Cantam versos alusivos à sua inferioridade, convidando-o, desse modo, a sair da roda, entregando os pontos.

Na luta da Capoeira os pandeiros, os recô-recos, e os birmimbauzinhos acompanhados dos caxixis, dão o ritmo aos movimentos dos lutadores, e por esses movimentos pode-se classificar as diferentes modalidades do jôgo, que ora é mais, ora menos ligeiro, ora curto, ora longo, ora com os lutadores agachados ora eretos, sem deixar de haver a natural combinação de posições. Diversos são esses jogos, e alguns bem ilustrativos, tais como S. Bento grande, que é um jôgo para exibição, de movimentos amplos e não muito rápidos, com os lutadores distanciados. S. Bento pequeno, jôgo curto, rápido, violento, mais para defesa, lutador aproximado do atacante e serpeando sob os seus golpes. Mandinga Lisa, jôgo para ataque, rápido e de movimentos longos. Benguela, jôgo com emprego de arma branca etc.

Observe-se a procedência africana das duas últimas modalidades.

A Capoeira, pela sua técnica e a sua tática, classifica-se como um esporte de luta que se bascia exclusivamente na destreza, o que a torna original e a distingue dos demais. O peso ou a força não exercem

influência nessa prática. E ela, por ser de destreza, torna os seus cultivadores admiravelmente ágeis, descontraídos, com qualidades sensoriais muito desenvolvidas, senhores das suas articulações, das suas contrações e descontrações, e de ótima capacidade de equilíbrio.

Lamentável é que a difusão da Capoeira esbarre numa série de incompreensões até hoje existentes. O escritor Celso Vieira opinou certa vez no sentido de que a capoeira deveria ser a luta nacional do povo brasileiro.

O ensino da Angola, infelizmente, ainda não segue um método para aprendizagem gradativa. É realizado pela execução global da luta. E isso implica, possivelmente, em limitações para o aproveitamento individual e para a difusão dessa luta, pois que o jôgo exige movimentos complexos e muito bem coordenados, combinados com a rapidez e a leveza na execução. Para a eficiência desse jôgo, é indispensável o domínio de um movimento típico, e que lhe é básico, a ginga, de execução difícil, mas, desde que adquirida, arms o seu detentor de uma mobilidade extraordinária.

Em Salvador, atualmente, existem diversas academias de Capoeira, em maior número no Corta-Braco, no bairro da Liberdade. A que aparece, porém, como mais credenciada, é o Centro de Capoeira Angola, de mestre Pastinha, na Ladeira do Pelourinho. Ele é o decano dos capoeiristas da Bahia. É grande a sua dedicação ao ensino e tem boa noção de como realizá-lo. Há outros mestres, como Traíra, Bimba,

CORREIO DA MANHÃ  
RJ de Janeiro, 24.6.1960

CORREIO DA MANHÃ - RJ - 24/06/1960

CAPOEIRA DE RUA MORREU: HOJE É PARA TURISTA VER, por José Freire de Freitas

**U**M dos mais curiosos elementos do folclore brasileiro, a capoeiragem, está em vias de desaparecer no seu último reduto: a Bahia. A capoeira ou capoeiragem é um divertimento antiquíssimo. Data da época colonial e foi introduzida no Brasil com o tráfico dos negros bantos, que comumente procediam de Angola, do Congo, de Benguela, de Cabinda, de Moçambique, e de Mossamedes, na África Ocidental; do Quelimane, na Contra-Costa. Isso nas últimas décadas do Século XVIII. O desembarque daqueles negros era feito principalmente nas costas do Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro. Mas foi na Bahia e no Rio de Janeiro que a capoeira se fixou e se aclimou. Tornou-se desde os fins do Século XVIII até fins do Século XIX propriamente, o esporte nacional, o jôgo nacional mais popular, chegando até mesmo às mais altas camadas sociais. Nas próprias corporações militares ela foi ministrada e difundida como arma de defesa pessoal. Os portugueses tinham o «jôgo de pau», os franceses a «savat» e nós a capoeira.

**O Capoeira Começa Menino** — O capoeira comumente começa a estudar e a aimestrar-se no jôgo da capoeiragem entre 10 e 12 anos de idade. No aprendizado torna-se flexível das articulações e rápido nos movimentos. O capoeira, quando colocado em frente do contendor, é inquieto: investe, recua, esgueira-se, salta, simula, deita-se, dá cambalhotas, pinoteia e, com a ligeireza de um felino, serve-se das mãos, dos pés, da cabeça, da navalha e da faca, levando de vencida oito, dez e até mais inimigos. Suas armas prediletas são a navalha e o cacete (geralmente de 50 centímetros e amarrado ao punho por uma corda de linho). Nunca faz uso da arma de fogo.

Os capoeiras do passado formavam verdadeiras malas ou curriolas compostas de 20 a 100 membros. Tiveram «corpos diplomáticos» — os caxinguelês, meninos-alunos que iam à frente das malas para provocar brigas nos bairros inimigos.

**Influências Político-Social do Capoeira** — Devido às demandas e arreiaças o capoeira caiido nas malhas da polícia respondia a processo, dêle saindo sempre absolvido por políticos seus protetores, que os utilizavam como cabos-eleitorais ou guarda-costas. A valentia do capoeira era decisiva na vitória das eleições dos políticos da velha República. Seus desmandos e prestígios nas rodas da malandragem eram tais a se tornarem verdadeira ameaça à tranquilidade pública.

**Perseguição e Decadência** — Manuel Querino, em seu famoso livro «A Bahia de Outrora», estudando o fenômeno do desaparecimento dos nossos elementos tradicionais, registra que o começo do fim da verdadeira decadência da capoeiragem começou no Primeiro Reinado, através de uma Portaria instituindo cactigos corporais aos negros capoeiras: açoites, bolos de palmatória, exposição pública no tronco, etc., mandada baixar pelo Príncipe Regente D. Pedro. A referida Portaria traz a data de 31 de outubro de 1821, assinada pelo Ministro da Guerra, General Carlos Frederico de Caula e Nicolão Viegas de Proença.

Aquela repressão contudo não conseguiu pôr fim aos capoeiras. Eles atravessaram o Segundo Reinado e já nos anos da Monarquia, lançavam desafios às autoridades cariocas. Tinham organizadas duas grandes ligas e associações: os «Nagôs», localizados na zona da Saúde, e os «Luzias» no morro do Castelo e adjacências. Com o advento da República, o Governo Provisório, através do Marechal Deodoro da Fonseca, decidiu realizar nova repressão aos capoeiras no Rio de Janeiro. Munido da carta branca, o Chefe de Polícia da época, Silvestre Ferraz, uma e oéie de Padilha dos nossos tempos realizou em poucos meses terríveis «blitzen» contra a prática da capoeiragem, prendendo, processando e expulsando da cidade os membros principais das curriolas e malas de capoeiras. Aí começou a verdadeira decadência da capoeiragem no Rio de Janeiro. Na Bahia, onde continuou a ser praticada, a capoeiragem foi declinando e hoje é cultivada apenas como espetáculo para turista ver.

“Capoeira Mata Um...

Capoeira Mata Um...

Zum, zum...

# CAPOEIRA FAZ ANIVERSÁRIO RECORDANDO O SEU PASSADO

Completa amanhã, 28 anos de fundação a Academia de Capoeira Angola da Bahia, do Mestre Pastinha. Festejando o aniversário, os alunos de Pastinha estão organizando uma comemoração, a partir das 19 horas, na sede da Academia, no largo do Pelourinho. Para esta festa estão sendo convidados todos os capoeiristas da Bahia, especialmente os residentes no "Bigrade", em Gingibirra, e os intelectuais e artistas Jorge Amado, Caribé, Mário Cravo e Wilson Lins (presidente da Academia).

Aos 79 anos de idade, dos quais 68 dedicados à arte da capoeira de Angola, Mestre Vicente Joaquim Ferreira Pastinha se encontra cego, sem poder trabalhar, vivendo de uma pensão que lhe foi concedida pelo Prefeito do Salvador, de noventa e dois cruzeiros novos e cinqüenta centavos mensais, e de uma pequena taxa que cobra de seus alunos nos três primeiros meses de treinamento.

**O COMÉCIO**  
No fim de linha da Liberdade, mais precisamente no Gingibirra, muitos capoeiristas se reuniam aos domingos para jogar a capoeira de Angola, não se importando eles com o estilo da luta ou mesmo da exibição. Faziam parte de uma "academia". Foi então que um seu aluno convidou Mestre Pastinha para assistir a uma dessas demonstrações. Ele relutou a princípio, porém, acabou aceitando o convite. Era presidente daquela "academia" um guarda civil de nome Amorim. Integravam tal "academia" os mestres Antônio Maré, Daniel, Livino, Digo, Alemão, Bulgário, Barbosa, Américo, Clárcio, Domingos Magalhães, Eu-lâmpio, Butique, e outros.

Mestre Pastinha foi convidado e aceitou dirigir os destinos da "academia" da Liberdade, e a 23 de fevereiro de 1941 fundou o Centro Esportivo de Capoeira Angola. Mas devido à incompreensão de alguns e à falta de confiança de outros no esporte (à época proibido pela polícia), transferiu a sua sede para outros lugares, como o Centro Operário, para o Forno, na Cidade de Palha (atualmente Cidade Nova), Bigrade, Brotas e finalmente Pelourinho onde está funcionando até hoje.

**UMA ARTE**  
A capoeira angola é apresentada por Mestre Pastinha como sendo uma arte, um esporte sadio, em que o amor à técnica é imprescindível, a fim de que ela não seja deturpada e empregada para fins de arrouxa. Para isso procurou sempre, confiar a presidência de sua academia a desportistas integros, como os Srs. Atalídio Caldeira e Wilson Lins, sendo que, este continua até hoje.

Aprendeu mestre Pastinha a jogar capoeira aos 10 anos de idade com um preto africano legítimo, de nome Tio Benedito, que contava mais de 60 anos de idade e morava na Rua das Laranjeiras, n. 26. Quatro meses depois, ingressava na Marinha de Guerra, onde ensinou a arte aos seus colegas. Na Marinha, Pastinha foi músico e aluno do famoso Ana-

cleto Vidal da Cunha. Ele também é pintor profissional.

**JA FOI BRIGAO**  
Nos tempos de jovem, em que a mocidade frequentava o famoso Campo da Polvora. Vicente Pastinha "fechou o tempo" muitas vezes, pondo por terra vários policiais de uma só vez. Sempre perseguido

mem, Palmeltona, Júlia Fogreira, Maria Pernambucara e tantas outras, que aprenderam a arte não só com Mestre Pastinha mas também com outros mestres da época.

Perguntamos ao Mestre Pastinha se essas mulheres vestiam roupas especiais iguais aos homens. Ele sorrindo disse: — "Meu filho, naquela época os vestidos arrastavam no chão. As mulheres rasgavam suas saias nos lados. Uniam a parte de trás com a frente, prendendo-as com uma presilha na cintura, formando uma espécie de calção. Era o bastante para jogar a capoeira".



## História viva

Mestre Pastinha ladeado por dois alunos (foto) conta ao repórter passagens de sua vida e também episódios da história da capoeira. Revelou que época houve em que também as mulheres praticavam esse esporte, mesmo com os complicados vestidos usados então. Pastinha, aos 79 anos, continua ensinando.

mas nunca preso pela polícia, um dia ele resolveu apresentar-se ao Secretário de Segurança Pública, então Dr. Alvaro Cova, a fim de esclarecer certas lendas a seu respeito e conseguir permissão para trabalhar numa casa de diversões, como pôrtel. Nessa época, era seu protetor o Cabo Cosme de Farías, hoje o velhinho Major Cosme de Farías, que serviu no 9º Regimento, ao Largo da Palma.

**MULHERES - CAPOEIRISTAS**  
Por volta dos anos de 1902 a 1911, a Bahia assistiu a um espetáculo ímpar de coreografia, ou seja, uma exibição de verdadeiras mestras em capoeira Angola, tão ágeis e hábeis quanto os homens. Foi uma época dura para os "Don Juans" e para a polícia, aquela. Ficaram famosas Maria Ho-

ra com qualquer elemento do sexo masculino".

Pretende, este ano, o Mestre Pastinha voltar a ensinar a arte da capoeira às mulheres.

## INTERNACIONAL

Além de várias apresentações por todo o Brasil, Mestre Pastinha já se apresentou em Dakar, no Senegal, África, a convite do Humorati, graças a uma recomendação especial do Centro de Estudos Afro-Occidental da Bahia.

No seu encontro com o repórter, compôs versos que agradeceu ao jornalista a atenção que lhe dispensara, agradecendo, também, a todas as pessoas que o ajudaram, ao tempo em que fez um apelo ao Governador do Estado no sentido de ajudá-lo a exemplo do que faz o Prefeito.

- pensa de Pastinha  
- Gingibirra

- mulheres na capoeira - Mestre Pastinha  
- interventor

- evento dos 28º aniversário da tradição

# Artes

CAPOEIRA

A capoeira é o esporte tradicional do Brasil, pois nasceu com a própria formação cultural do povo brasileiro, teve a sua evolução através da nossa História, enriqueceu-se com as características sócio-antrropológicas do tipo brasileiro e hoje forma uma das principais peças do folclore nacional.

Ela, que já foi luta de negro escravo contra opressão, que já foi luta de desordeiro valente contra perseguição da polícia, que já serviu nas lutas de políticos contra adversários poderosos, que já lutou no Paraguai, que já foi samba no carnaval e alegria nas festas baianas, hoje é oficialmente a Luta Nacional Brasileira.

## O Jogo Da Capoeira

A capoeira é um jogo, um esporte. Tem as suas características de luta, de dança folclórica e também de acrobacia. O capoeira não usa chamar o seu jogo de dança nem de luta. Quando se conversa com o capoeira não se diz que ele é um dançarino ou lutador: é um jogador de capoeira. Quando pratica o seu esporte, gosta de dizer que pula a capoeira. Os seus movimentos defensivos são chamados de quedas. Os seus golpes — desequilibradores ou traumatizantes — são chamados de pulos.

Atualmente a capoeira se apresenta sob duas modalidades principais com toda sorte de nuances intermediárias. Uma é a capoeira de Angola, o jogo dos angoleiros, jogo baixo; mais banzeiro, mais manhoso, onde o capoeira vai de roupa branca, impecável, que não pode sujar durante a exibição. Outra é a capoeira regional, jogo alto, sem requintes, violento e perigoso.

## Os Grupos De Hoje

No tempo da escravidão, o capoeira era um guerreiro que formava em exércitos selvagens; no tempo dos valentes famosos, pertencia a maltas; hoje, integra-se em grupos, estudo e ensinaria em Academias, multiplicados e ampliados aceleradamente nos últimos anos. Atualmente, os grupos e academias de capoeiras são dezenas na Bahia, mais dezenas na Guanabara e mais alguns espalhados por outros Estados.

Para dar uma idéia do que é o jogo da capoeira, tomaremos por exemplo um dos seus grupos mais

característicos e mais bem organizados, o Grupo Folclórico Capoeiras do Bonfim, com sede em Olaria, na Rua Gomensoro, 317 — Loja B, no Rio.

## Como Surgiu

O Grupo Folclórico Capoeira do Bonfim é mais para o jogo regional, mas sem o exagero de querer descharacterizar a capoeira. O jogo de Angola não é desprezado e o Grupo tem mesmo alguns bons jogadores angoleiros. Surgiu da mandainga do Mestre Mário Santos. Mário é de Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, onde aprendeu o jogo com seu pai e tornou-se Mestre. Veio depois para o Rio, trabalhar como operário. A mandainga levou-o a aproximar-se de outros capoeiras para treinar. Mas, como eram poucos naquele tempo, resolveu ensinar a alguns jovens. A brincadeira foi se animando e, sem que ninguém soubesse, estava organizado o Grupo Capoeiras do Bonfim. Como dezenas de outros sem apoio oficial (na Bahia já há, mas no Rio não), enfrentou incompreensões e dificuldades, mas foi conseguindo se aprimorar e hoje já realiza brilhantes exibições em clubes da cidade, levando o entusiasmo e a mandainga da capoeira para muitos.

## Berimbau e Mandainga

Capoeira não se joga a seco, é preciso mandainga para se pular bem; e a mandainga quem dá é o berimbau. Berimbau e pandeiros formam a orquestra, que os capoeiras chamam ritmo. Há vários ritmos para se jogar a capoeira. O mais lento, compassado, é a Angola. Depois, vai apressando o jogo e vem o São Bento Pequeno, São Bento Grande, Regional. O toque de luna é cheio de bossa. O de Cavalaria tem um significado folclórico: servia, no tempo das desordens, para avisar a aproximação da polícia; era o sinal de desbandar.

No Grupo Capoeiras do Bonfim, Valente é o chefe do ritmo, tirador das chulas e também tocador de berimbau. Cacalinho toca o outro berimbau. Irineu e Carlos são os pandeiros. Há ainda um côro vocal feminino, que responde as chulas, composto por Geisa, Neide, Nilza e Ana.

## CAPOEIRA NO SAMBA E INOVAÇÃO OU TRADIÇÃO?

Aldérico Toribio.

**A** CAPOEIRA nos desfiles das escolas de samba, como vem aparecendo nos últimos anos, é um elemento novo, pois as atuais gerações ainda não tinham visto o fato, e é um elemento de tradição, pois foi com os capoeiras à frente que as primeiras agremiações carnavalescas desfilaram no Rio, Recife e Bahia.

Ao se discutir a autenticidade da samba, a sua fidelidade às origens, as suas características tradicionais e o seu desenvolvimento, com o fito de defender o samba das deturpações que o ameaçam de morte, surge às vezes a questão, ainda timidamente: a capoeira não será um desses elementos estranhos?

### ORIGEM DA CAPOEIRA

Samba é dança que vem dos negros de Angola, escravos no Brasil, para exprimir as suas alegrias e tristezas. Capoeira também é dos negros escravos trazidos de Angola e também é dança que mascara luta. Samba e capoeira são irmãos na origem, nascidos do mesmo ritual religioso, o candomblé, como se pode comprovar só pelo simples olhar para um dos três. E não só olhar como ouvir os seus ritmos.

Provavelmente a capoeira é a descendente direta de alguma dança que seja dos bantos, de caráter magico-religioso, acrobática, como muitas das danças que ainda hoje os selvagens praticam na África. Alguns dançarinos acrobáticos-guerreiros fugiram para o mato e, enquanto não organizavam os seus quilombos ou a ele chegavam, priocuraram sperficiar-se na arte de defesa contra os bandidos brancos. Capoeira era o imprevisto e o aburdo para os guerreiros brancos que se subiam rumo ao sambódromo numidos de concreto, espuma ou faca. Com os seus quilombos, os escravos fizeram que podiam deixar de aperfeiçoar mais e mais a sua arte de defesa na Liberdade.

Cresceu o tempo em que o samba escravo também queria

aprender e treinar a luta guerreira, com o pensamento na hora de fugir para o mato, para os capões ou capoeiras, e tomar o caminho dos quilombos. O que sabia ensinava aos outros. Mas para enganar o feitor, transformaram a capoeira num fingimento e diversão. Tocavam o berimbau-de-barriga, instrumento angolano que ainda hoje existe na África com o nome de urucungo, o mesmo nome por que também é conhecido no Nordeste brasileiro. E acompanhavam com caxixi e atabaque, que hoje substituído pelo pandeiro. Para o feitor aquilo era o negro folgando, com seus instrumentos e sua dança selvagens, e era até recomendado para acabar com o banzo. Para o escravo, aquilo era aprendizagem e treino de luta, os instrumentos servindo para dar a mandinga que faz o lutador superar-se a si mesmo.

A primeira descrição da capoeira, com berimbau tocando e tudo, talvez seja a de Henry Koster, bem no princípio do século XIX. Naquele tempo, a capoeira era o samba dos negros escravos.

### CARNAVAL E DESORDEM

Acabou a escravidão, juridicamente falando, mas a capoeira como instrumento de revolta não acabou. Os antigos guerreiros negros ensinaram-na aos valentes do Brasil Império. Então, eram os malandros, furtivos, cheios de muganga, risadas e gírias, malícia nos gestos, nas palavras e no pensamento. Nos primeiros tempos de carnaval, já começaram as grandes rivalidades dos blocos, anestesias das escolas de samba. Cada um queria ser melhor do que o outro e quando dois se encontravam, o mundo só faltava se acabar. A briga terminava com a intervenção da polícia, que balhava o pau. No fim, eram muitos feridos até mortos.

E foi aí que a capoeira achou o seu ambiente. O abre-ala daquele tempo passou a ser um grupo de capoeiras, arma-

dos de cacetes, que se divertiam e mostravam aos assistentes as suas habilidades, fazendo acrobacias. Na hora do barulho, no encontro com o bloco rival, mostravam que capoeira é luta eficiente.

### NOVOS TEMPOS

Com o tempo e a perseguição violenta, os capoeiras foram desaparecendo. Deixaram de fazer parte dos carnavales cariocas, balanços e recifenses. Sobreviveram apenas no Recôncavo Baiano os grupos de capoeiras, com andados por gente famosa, como o Besouro Mangangá, Aberrê, Onça Preta, Samuel-Querino-de-Deus, Chico-Porrete, Zé-Quebra-Ferro e muitos outros. Os grupos se exercitavam aos domingos e feriados lá pelo bairro da Liberdade, na rampa do Mercado, na Feira de Água dos Meninos, e brilhavam nas festas do Senhor do Bonfim, da Conceição da Praia, de Iemanjá.

Até que os grupos de capoeira viraram academias e ela foi reconhecida oficialmente como luta Nacional Brasileira. E se espalharam novamente por outros cantos do Brasil. No Rio, a capoeira ressurgiu como por encanto e hoje já existem dezenas de grupos e academias ensinando capoeira, de Copacabana a Irajá.

### CAPOEIRA NO SAMBA

Redescoberta essa maravilha, irmã da maravilha do samba, a capoeira entrou no samba. Os enredos das escolas de samba cantam sempre passagens da História do Brasil e, como a capoeira está presente em toda a nossa História, um dia se lembravam de botar uma turma de capoeira, com seus berimbau e caxixis, com seus vóos-de-morcego e rabos-de-arrasta. Os capoeiras desfilaram no asfalto e fizeram sucesso, ginando e dando rasteiras.

Foi como o óvo de Colombo: os passos da capoeira são parecidos com os do samba. Alguns são inteiramente iguais, como o *coroncim*, por exemplo. Os malabarismos dos homens da bateria da escola de samba quase não têm diferenças para os golpes de capoeira. Os ritmos também são irmãos e capoeira dentro do samba não destoa, não é como os passos ensaiados de teatro de revista ou de danças estrangeiras, o tal rock, twist ou hully-gully.

Assim, fica colocada a questão para os entendidos, os amigos do samba: deve a capoeira reintegrar-se nas escolas, como elemento tradicional, enriquecedor dos desfiles, como irmã de sangue do samba que nos legou o negro de Angola?

O DIÁRIO, Pelo horizonte, 19 de setembro de 1964, 2.º ed., p. 1.

# Artes

# CAPOEIRA

# QUE É BOM

# NÃO CAI.

Capoeira que é bom não cai. Mas, se um dia ele cai: cai bem. Quem  
dice muito que vai: não vai. Assim como não vai: não vem. Quem de den-  
tro de si não sai: vai morrer sem amar ninguém. O dinheiro de quem não  
dá é o trabalho de quem não tem.

Capoeira já mandou dizer que já chegou. Chegou para lutar. Berim-  
bau já confirmou: vai ter briga de amor. Tristeza camará.

REGINA BEKER

Fotos antonio hernandez



CUIDADO

*E de brincadeira: foi só uma exibição de capoeira levada ao Instituto de Música pela Semana do Folclore, que termina hoje com o lançamento dos "Cadernos de Antônio Viana", um entendido no assunto. E o professor Calazans Neto quem o apresenta. (Segunda página)*

## CAPOEIRA REGIONAL

### FAZ NOVO "BATISMO"

O público paulistano terá oportunidade de assistir amanhã a mais uma cerimônia de "batismo" de capoeiras, promovido pela "Academia de Capoeira Regional Ilha de Maré", desta capital (rua Augusta, 1.351, 3.º andar). Trata-se de uma solenidade em que os novos praticantes da luta nacional fazem o seu primeiro "jogo" com o "mestre" da academia e ao som do berimbau e demais instrumentos musicais.

A "Ilha de Maré" dá especial ênfase a este cerimônia que obedece a um ritualismo próprio em que, após jurar praticar a capoeira apenas como legítima defesa, o novo praticante deixa de usar a calça preta, característica do iniciante, e passa a usar uma calça branca com listras negras verticais em ambos os lados.

A Academia, que tem à frente o "mestre" baiano Paulo Gomes, dedica-se ao ensino e divulgação da capoeira regional, também conhecida por luta regional baiana, que obedece à escola do famoso Mestre Bimba, de Salvador (BA). Caracteriza-se esta modalidade da capoeira pela sua extrema agilidade e grande preocupação técnica dos golpes, constituindo-se numa das mais eficientes e violentas lutas conhecidas no mundo.

Memória da Música - 89/19

AUTOR

TÍTULO

JORNAL DO BRASIL

LEGA.

GUANABARA/RJ

DATA

22.12.1963

PAG.

CAPOEIRA RENASCE NO RIO COM SUAS VELHAS TRADIÇÕES

JORNAL DO BRASIL

GUANABARA, Rio de Janeiro, 22.12.1963

22.12.1963

1. cad

pg 27...

Artes

do

# CAPOEIRA RENASCE NO RIO COM SUAS VELHAS TRADIÇÕES

*Luta Nacional Brasileira* é como se chama oficialmente a capoeira e, na realidade, nada representa melhor a tradição do País, como meio de ataque e defesa, do que esse jôgo nascido de uma disputa entre o feitor e os negros fugidos, portanto com raízes na África, que se misturaram a influências indígenas e europeias para formar alguma coisa de tão mestiça como o próprio Brasil.

Tratada agora como esporte, porque foi registrada oficialmente pela Federação Carioca de Pugilismo — embora na prática ainda esteja inteiramente desligada dela — a capoeira começa a aparecer aos olhos dos cariocas como uma força crescente graças ao trabalho de um grupo organizado a que se deu o nome de “Operação-Capoeira”. Este grupo funciona sobretudo num trabalho de congraçamento e divulgação que se a um tempo une todos os praticantes do esporte no Rio, através de suas várias academias, por outro lado promove festivais e procura todos os meios de divulgação para crescer.

ORGAS Oficiais DA DA ESCOLA  
de Administração - UFBA.  
Salvador, Agosto-Setembro - 1967  
Ano I. nº 1

# CAPOEIRA SIM SENIOR

Memória, Imagem e Magia

ADMINISTRAÇÃO

11

01 — Bira no Black:  
No bojo dos navios negreiros, onde  
a magoa contava sua dor, um amontoado  
de escravos acorrentados rumava  
para o desconhecido.

Na longa travessia, o rugido dos va-  
galhões no costado dos navios, os pro-  
rões infectos e a nostalgia de terras  
distantes, enlouqueciam os fracos, se-  
dimentando na alma dos fortes a revol-  
tu contra os grillhões que os escraviza-  
vam.

03 — Luz em Bira no proscenio:

Na terra nova que os recebia com  
sua florestas verdejantes, surgiu na  
área daquelas miseráveis tânuas espe-  
rança de redenção. Mas como resistir  
ao Capitão do Mato, cujo azorrague  
abria-lhes nas costas a brasa viva dos  
fogocotes? Como enfrentar o trâbuco dos  
senhores empunhado pelo capataz se-  
dento de sangue?

Era mistério não pensar sómente na  
fôrça bruta. Então, a manha, a malícia  
e a inteligência aliadas à coragem da-

Almeida

Ubirajara



O ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, 3 de novembro de 1969, Esportes; 14.

## UMA VIDA AGITADA



**Elá já serviu a Deus, ao diabo e aos políticos.  
Para o negro triste era uma religião. Para o mulato indefeso, uma boa arma.  
Para os moços elegantes, uma forma de provocação. E tinha seu código de honra.**

A capoeira serviu ao Brasil inteiro.

Para os negros, a capoeira era uma religião, um vício ou uma luta. Para o mulato, filho de português e crioula, não tão forte e pesado como o negro e sem o ar sadio do português, a capoeira foi uma salvação. Quando aderiu à capoeira, o mulato, desprezado na época colonial, que não conseguia lutar com o português de murro forte, começou a se sentir um cruzamento de macaco, gato, canguru e chiclete. Pulava e grudava no chão com facilidade, dava cabeçadas, calços, coices, rasteiras, rabos de arraia, lutava contra cinco português de uma vez — e ganhava. Dêbaixo do capote enorme, junto do corpo magro e mal alimentado, escondia a agilidade e a navalha. Comegou a ser chamado de senhor mulato. Os capoeiristas amadores, moços elegantes, de boa família, usavam a capoeira para fazer demonstrações nos teatros, casas de jogo e lugares frequentados pela alta roda.

Há 70 anos, a capoeiragem foi considerada um flagelo social no Rio. A extinção da capoeiragem carioca pelo Secretário da Segurança daquele tempo, o campineiro Sam-palo Ferraz, que mandou todos os capoeiristas para o presídio de Fernando de Noronha, foi considerada uma realização civilizadora da presidência Rodrigues Alves.

A capoeira já serviu a Deus e ao diabo. No carnaval antigo, havia muita maldade. Disfarçados em diabinhos, os capoeiristas punham lâminas cortantes na cauda de suas fantasias e aplicavam vergastadas em suas vítimas. No Brasil, lutou-se contra a capoeiragem como, nos Estados Unidos, se lutou contra os apaches, gangsters e membros da Ku-Klux Klan. Durante anos as ruas do Rio, principalmente de bairros como a Gamboa, viram lutas entre grupos dos famosos e ferozes Nagoas e Guaiamus, celebrados em trovas populares. Uma dessas trovas refere-se a um ponto da cidade, vizinhanças da igreja de Santo Cristo dos Milagres: "Vai pra casa Mariquinha / Tranca a porta, apaga a luz / que eu vou matar nagoa / no largo do Bom Jesus".

Chefes políticos influentes davam proteção aos capoeiristas, servindo-se deles para vencer nos comícios, perturbar processos eleitorais, empregando-os como espartamadores. Os historiadores dizem:

— Na rua Larga de São Joaquim, hoje Marechal Floriano, várias vezes tropas marchavam com banda de música à frente, precedida por indivíduos molambudos que se entregavam à mais incrível ginástica de pulos e cabriolas, saltando como se tivessem molas nas pernas, pondo as mãos no chão e dando rabos de arraia em adversários invisíveis, gingando de mil modos. Davam impressão de bailarinos ou acrobatas, exibindo a mais extraordinária presteza de movimentos. Passeatas domingueiras de bandas de música serviam de pretexto a que saíssem às ruas até dos melhores bairros, provocando-se mutuamente ou então divertindo-

se em anavalhar pacíficos transeuntes. Em 1887, houve competição de bandos capoeiristas no largo do Machado, na Flor da Glória contra a Corbelha de Flores do Catete. Depois de meia hora, o chão do Largo do Machado era só mato de sangue. Vários foram para a Santa Casa.

Em 1841, a capoeira serviu à Fé, à Igreja, e foi amiga de Deus, dando coragem para um homem pacífico usar a força bruta. Na procissão do Enterrão de 1841, oito desordeiros passaram a acompanhar o andor de Nossa Senhora, imitando os canticos religiosos e atirando ofensas aos presentes. Era uma espécie de senha para desencadear o fecha.

Um frade do Carmo separou-se dos seus companheiros, aproximou-se dos capoeiristas falando-lhes em voz baixa. Depois, diante dos devotos atemorizados, transformou-se em demônio, saltando, gingando de modo esquisito com a navalha, distribuindo rabos de arraia e tésouras. Quando todos dos desocupados estavam no chão os outros fugiram. O padre parou. A Procissão do Enterrão prosseguiu com muitos aplausos.

Capoeirista morre de velho, como Coelho Neto, gentil, franzino e exímio capoeira. Como o frade, como Chico Carne Seca, Quebra-Côco, Natividade, Pedro de Hortênsia, Bonaparte, Bem-Te-Vi, Capitão Nabuco e Manduca da Praia. Eram atletas e causavam admiração pela força física.

Capitão Nabuco era a figura acabada do vilão: gigantesco, branco, filho de pais ilustres, que o repudiaram por sua vida de crimes, matava, feria e desacatava por dinheiro. Era especialista em vingar questões de honra e gostava de fazer seus desacatos nos lugares mais movimentados, como a porta das grandes confeitarias dos teatros.

Manduca da Praia era um mulato elegante, de longa e bem tratada barba, que respondeu a 30 processos por morte e ferimentos. Sempre absolvido por falta de testemunhas — que se atemorizavam no último momento — e por ser bem protegido de alguns políticos. Certa vez, por questão de ciúmes, acabou com a festa da Penha, deixando o local silencioso e despojado. Morreu de velho, aos 50 anos.

A capoeiragem de antigamente tinha um código de honra, obedecido por todas as quadrilhas: 1. — Não usar nunca arma de fogo, só se permitindo a navalha e o casete; 2. — Não trabalhar segunda-feira, sacrificando qualquer negócio pelo respeito a esse princípio; 3. — Vestir-se de maneira característica: calça larga, paletó sempre aberto, botina de bico bem fino, lenço ao pescoço; 4. — Andar gigante, palito no canto da boca, e não falar de perto com ninguém, a não ser com mulher bonita; 5. — Usar o chapéu como arma de defesa, dobrando-o e mantendo-o na mão esquerda.

Hoje a capoeira está perto de se transformar em esporte.



Componentes do Grupo Senzala, da Guanabara, vieram conhecer a nossa capoeira • tratar da sua regulamentação como esporte.

## Capoeira vai ser esporte e a sua regulamentação foi feita na Bahia

— A capoeira muito breve será considerada como esporte, depois da aprovação do seu regulamento e da sua filiação às federações estaduais de pugilismo — Esta afirmativa foi feita em nossa Redação por um dos representantes da Federação Carioca de Pugilismo, que veio a Salvador para tratar desse assunto com o Dr. Angelo Decânio, desportista interessado por tudo que diz respeito à capoeira, um dos mais antigos discípulos de Mestre Bimba e responsável direto pelos estatutos desse novo esporte.

— Depois de seis anos de pesquisas — esclareceu um dos membros da delegação carioca de capoeiristas — o Dr. Decânio enviou à Confederação Brasileira de Pugilismo um estudo minucioso, objetivo e claro sobre tudo o que ele observou durante todos esses anos, concluindo que, a capoeira, sem a exclusão de suas primitivas características folclóricas, poderá ser praticada como esporte. A Confederação enviou esse estudo para a Federação Carioca de Pugilismo e esta nos incumbiu de vir até Salvador, com a finalidade de dirimir algumas dúvidas, pois em alguns pontos, a capoeira praticada na Bahia é diferente daquele ensinada por algumas academias da Guanabara. O objetivo primordial de nossa viagem aliás, já atingido, foi para a conceção de um denominador comum. O Dr. Decânio inclusive, nos prometeu que irá ao Rio, para esclarecer alguns pontos ainda em dúvida.

Os capoeiristas que vieram a Salvador fazem parte do Grupo Senzala bicampeão do Torneio Berimbau de Ouro, o mais importante de todos os que são realizados na Guanabara. Rafael Hamilton David, Borracha Cláudio, Marcelo Murilo, Gato, Mosquito Maranhão são os componentes do Grupo. Durante a sua permanência em Salvador eles visita-

ram os Mestres Bimba e Pastinha a quem consideram como os exponentes máximos da capoeira no Brasil, principalmente o primeiro cujo nome já é internacionalmente conhecido cuja vida já foi escrita por Jair Moura, outro preservador dos rituais desse antigo sentimento do povo antigamente combatido mas hoje aceito e praticado por todas as

classes sociais.

Um dos integrantes da delegação carioca frisou que o berimbau, a ginga do capoeirista e todos os rituais da capoeira serão preservados quando ela se transformar em esporte porque estas características que dão um colorido bastante singular à disputa são de uso obrigatório, segundo explica o Dr. Decânio no seu regulamento.

### CONVITES

Aproveitando a oportunidade o Grupo Senzala convidou os Mestres Bimba e Pastinha para deporem para a posteridade no Museu da Imagem e do Som. O Mestre Pastinha também recebeu o honroso convite para ser o Presidente de Honra do III Berimbau de Ouro em setembro, enquanto o Mestre Bimba será o Presidente de Honra do I Encontro Nacional dos Capoeiristas.

Este Encontro será realizado em agosto na Guanabara, numa promoção conjunta da Federação Carioca de Pugilismo e da Comissão do Berimbau de Ouro. Será um certame de congregamento entre todos os grupos de capoeira do País. A Bahia deverá ser representada pelo Grupo Olodum.

# CAPOEIRA

## Artes do



*"A chegada da Capoeira ao Brasil, coincide com a vinda dos primeiros negros bantus à Bahia.*

*A capoeira era então únicamente um jôgo atlético, que consistia em rápidos movimentos de mãos, pés e cabeça, em certas desarticulações do tronco, e, particularmente, na agilidade de saltos para a frente, para atrás, para os lados, tudo em defesa ou ataque, corpo a corpo".*

Nos tempos do Senhor do Engenho, a capoeira foi perseguida pelas forças policiais. Para impedir e evitar essa perseguição, os capoeiristas resolveram camuflar o jôgo com pantomimas, músicas e danças. Surgiu, então, o berimbau como instrumento acompanhante dos passos do jôgo. A capoeira deixou de ser apenas luta para se converter também em divertimento. Dizia-se, então: "os negros estavam brincando de 'Angola'. Os próprios feitores batiam palmas, aplaudindo os preliantes mais valentes. Estes sem dar importância ao fato, continuavam pulando, gingando, cabriolando, dando rasteiras, golpeando com os pés os peitos do adversário, fugindo aos mesmos, acometendo-os, ro-

lando como cobras no chão, num treino para quando precisassem lutar.

Assim vingou a "capoeira". Surgiram nomes lendários. Lutadores reputados invencíveis. Homens que tinham o "corpo fechado" para bala ou para faca; que haviam feito "pacto com o diabo"; possuidores de patuás que os protegiam dos inimigos poderosos; que se libertavam de qualquer cérco, a golpes de "rabo de arraia", "cabeçadas" e "rasteiras".

\* INSTRUMENTOS DA CAPOEIRA — O berimbau pode ser dividido em dois tipos: o berimbau de bôca e o de barriga. O "berimbau de bôca" era usado pelos velhos "angoleiros". Diziam-no, portanto, original de Angola, ponto, aliás, que sofre contestações da parte de muitos estudiosos do assunto.

A segunda variedade, a mais usual atualmente, é o berimbau de barriga. É constituída por uma vara de pau (de "beriba", de "pombo" ou "pau darco") que mantém, em tensão, um arame de aço.

A caixa de ressonância é uma pequena cabaça unida ao arame por um barbante. A varetta produz o som que é modulado por meio de uma moeda de cobre e com a maior ou menor aproximação da bôca da cabaça à barriga do executante.

O *berinhau* tem muita cadência e vibração de modo que se adapta para reproduzir os reboleios e saltos felinos dos capoeiristas. Independente disso, empresta uma nota melancólica ao canto dos lundus que acompanhavam os lances do jôgo da capoeira.

Segundo Eneyda Alvarenga, a música do berimbau é uma "fôrça ativadora de energias



JORNAL DO BRASIL  
RIO DE JANEIRO, 9. 4. 1961

JORNAL DO BRASIL. RIO DE JANEIRO, 9 DE ABRIL DE 1961.

Artes  
CAPOEIRA VOLTA AO RIO APÓS DOIS SÉCULOS DE PERSEGUIÇÕES

Luiz Ribeiro

## Livro de Lamartine estuda a capoeira como luta sem os mistérios da lenda

Sempre estudada como dança folclórica, a capoeira é analisada apenas como luta no livro que o Tenente Lamartine Pereira da Costa escreveu e a Marinha editarã: *Capoeiragem — Arte da Defesa Pessoal Brasileira*, fruto de dois anos de pesquisas nos terreiros baianos, onde o autor observou os mais famosos e misteriosos mestres capoeiras.

O livro, que está sendo impresso nas oficinas gráficas da Marinha, metodiza o ensino da capoeira, explicando os 37 golpes em que se baseia a luta, até agora aprendida nas rinhas, nos terreiros de marimba, onde jamais se permitiu a um branco sem passado de capoeiragem ser iniciado na difícil arte de lutar com os pés, usando as mãos como alavancas.

### MISTÉRIOS

O Tenente Lamartine aprendeu a capoeira com Artur Emídio, que não lhe fez mistérios da luta. Ainda estudante, aprendia jiu-jitsu, quando viu Artur Emídio lutar pela primeira vez e se interessou. Estudou dois anos a capoeira, procurando separar a arma de luta da dança. Praticou com outros capoeiristas, amigos. Na Bahia, aproximou-se de um aluno do Mestre Bimba, e aprendeu dele alguns golpes do mestre, que se manteve fechado para ele. Observou outros capoeiristas. Comparou os golpes, procurando aperfeiçoá-los e criou o método, com 37 movimentos principais.

### MONITOR-CAPOEIRA

A necessidade de dar maior ênfase ao cultivo da educação física, pelos marinheiros, de maneira a torná-los ágeis de raciocínio e movimentos, para melhor serem empregados na guardação do porta-aviões *Minas Gerais*, incentivou o Centro de Estudos da Marinha a criar o curso de capoeiragem — idéia alimentada pelo Tenente Lamartine que assim se tornou o primeiro instrutor oficial de capoeira.

### MARUJO CAI AO MAR

Com a chegada do porta-aviões à Baía de Guanabara, foi notado que os homens da manutenção dos equipamentos do barco tinham dificuldades em realizar as suas tarefas, e muitas vezes eram lançados ao mar, por falta de agilidade mental e de movimentos. Foi planejado inicialmente o cultivo da ginástica acrobática para

o pessoal da aviação embarcada. Numa primeira experiência, com os atletas do Centro de Esportes, foi observado que a ginástica acrobática não conquistava a simpatia dos marujos que a praticavam com má vontade, prejudicando os seus resultados. Surgiu, então, a ideia da capoeira. O instrutor foi encontrado — o Tenente Lamartine, Fuzileiro Naval.

### CURSO DE MONITORES

— Com ótimos resultados para a cultura física, a capoeira conquista a simpatia do marujo, que se torna curioso e a pratica com afinco. O curso, ora iniciado no Centro de Esportes, não visa a formar lutadores como os que surgiram nos séculos passados. Dos 208 homens inscritos no curso, poucos servirão para o que pretendemos: formar monitores de capoeira, para ensiná-la nos diversos estabelecimentos da Marinha, com vista, entre outros benefícios, criar homens eficientes de movimentação para a aviação embarcada, e ao preparo físico do pessoal da Marinha em geral. Por outro lado, a Marinha pretende com isso reviver a luta que é a única contribuição de característica genuinamente brasileira à educação física. O Centro de Esportes da Marinha torna-se assim a primeira escola de educação física em que se estuda a capoeira em massa, para formar homens capazes de ensiná-la. Disse o Tenente Lamartine ao JORNAL

— Agora, desejamos apenas — continuou o monitor de ca-

poeira — que, como resultado dessa campanha iniciada pela Marinha, outras escolas de educação física, oficiais ou particulares, adotem o curso em seus programas. A capoeira está oficializada. Seria o grande passo para revivê-la, se a Escola Nacional de Educação Física nos acompanhasse, aderindo à campanha. É necessário que se compreenda que a nossa intenção não é a de reviver a capoeira criminosa e cruel, porém, a de transformá-la num esporte, oficializado.

Dos 208 alunos de capoeira do Tenente Lamartine, 200 são praças e oito oficiais. Entre os alunos estão o Comandante do Centro de Esportes da Marinha, Capitão Maurício Gurgel Tavelra, e o instrutor de jiu-jitsu do Centro, Monitor Cid.

O pessoal do CEM faz o primeiro contato com a capoeira, no dia 29 de março, quando, a convite do Tenente Lamartine, os capoeiristas Artur Emídio e Djalma Bandeira compareceram a Ilha das Enxadas, para a primeira demonstração oficial da luta — longe das rinhas de capoeira e dos palcos onde é apresentada como folclore. Ao som do barimbaú, do pandeiro e do réco-réco — instrumentos indispensáveis à prática da capoeira — os marujos assistiram curiosos aos movimentos da luta.

# de idéias sobre capoeira

## Pastinha diz que capoeira veio de Angola e regional é um mito

quem não quer. Ela é uma só: A DE ANGOLA. CAPOEIRA REGIONAL NAO EXISTE. REGIONAL É APENAS UM NOME CRIADO POR MESTRE "BIMBA", ANGOLEIRO COMO EU" — Estas afirmações são do "Mestre" Vicente Ferreira Pastinha, que acrescenta: — "Bimba" ensina aos seus alunos a jogar mais ligeiro, enquanto eu determino aos meus, movimentos leitos e manhosos, seguindo os ensinamentos do MEU MESTRE BENEDITO.

Vicente Ferreira Pastinha diz que aprendeu capoeira aos 10 anos de idade, ali, na rua de Santa Isabel, na porta de sua casa,

### É AFRICANA MESMO

Dizendo que não tem medo de errar, Pastinha afirma que A CAPOEIRA É ORIGINÁRIA DA ÁFRICA E PARA CA FOI TRAZIDA PELOS ESCRAVOS AFRICANOS sendo uma forma de luta que apresenta características próprias e é um meio de defesa e ataque, possuindo grandes recursos graças à força muscular, flexibilidade nas articulações e extraordinária rapidez cujo nome (capoeira de Angola), é consequência de ter sido os escravos angolanos na Bahia, os que mais se destacaram na sua prática chamando-se entretanto no seu país de origem, de 'Dança da Zebra'.

### NOMES

Pastinha conheceu muitos desordeiros esclarecendo entretanto que não cita os seus nomes para não provocar a ira dos parentes e amigos mesmo porque a polícia os tem nos seus arquivos. Já tendo perdido a conta de quantos alunos passaram por sua Academia, lembra-se apenas dos nomes de alguns "cobras" como Wilson Lins (deputado), João Pereira dos Santos, João Ferreira dos Santos, Gildo Lemos Couto, Roberto Pereira, Antônio Carlos de Assis e Albertino da Hora.

### OPORTUNIDADE

Sobre as brigas sérias do seu tempo de rapaz Pastinha não fala, alegando que prefere si-lenciar para dar vez aos capoeiristas da Bahia senão todos desapareceriam e só ficava ele. Enquanto isso — diz sorrindo — os meus adversários dizem por aí, por despeito que eu não jogo capoeira; o público que de o seu veredito.

Os Estados do Rio Grande do Sul, Grasília (Noite do

Pastinha disse que para não haver uma agitação da plateia, prefere que "Bimba" jogue com um dos seus alunos, ficando somente olhando o desenrolar dos acontecimentos "Comigo não".

Fazendo questão de dizer que não sabe cantar capoeira, Pastinha vai cantarolando estes versos de sua autoria: "Bahia, minha Bahia/ Bahia da Salvador/ Quem não conhece capoeira/ Não lhe pode dar valer/ Todos podem aprender/ General até doutor/ Mas pra isso é necessário/ Procurar um professor". Entretanto, um dos cantos mais velhos, cantado pelos antigos capoeiristas e que mais lhe agrada é o seguinte: "Estava eu em casa/ Sem pensar e sem imagina/ Quando ouvi bater na porta/ Salomão mandou chamar/ Para ajudar vencer a guerra do Paraguai/ Depois que fizeram fortaleza/ Ah, ah, ah!!! Capoeira não vale de nada/ E, valha-me Deus Camarada/ E, valha-me Deus Camarada/ E, para de beber camarada/ E, que val fazer camarada/ E, ele é mandingueiro camarada/ E, ele é cabecelro camarada/ E, ponta de faca camarada/ E, galo cantou camarada/ E, côncoço camarada/ E, volta do mundo camarada/ E, volta que o mundo dá camarada".

GOLPES

Mestre Eugênio foi o primeiro a instalar academia de

abandonando o esporte dois anos depois, quando teve que ingressar na Marinha (1910), retornando em 1912, para em seguida, em 1914, deixar tudo de lado, forçado pela perseguição empredida pela Polícia, até que, em 1941, foi convidado a ingressar em um grupo da Liberdade, na Gengibirra, passando a administrá-lo, ali encontrando os "cobras", "Raimundo Aberré", "Antônio Maré", Daniel Noronha, Lívio Diogo, Eulálio, "Bugalho", "Barbosa", "Zé I", Cardim, "Américo Ciência", Domingos Magalhães, "Alcântara", "Eutíquio", "Onça Preta", "Vitor IIU, e muitos outros, que lhe faziam visitas.

capoeira na Bahia, na Liberdade, não tendo o negócio ido para a frente, mesmo após diversas tentativas de socorrê-la. Por sua vez, Pastinha ensinou na rua do "Bigódo" (Santo Agostinho); Brotas e na Cidade Nova (antiga rua do Forno), sendo o segundo, só vindo mesmo para a Ladeira do Pelourinho há 12 anos atrás, usando e ensinando os mesmos golpes, que são: "Rabo de arraia, cabeçada, meia lua, rasteira, chapa de frente, chapa de lado, chapa de costas, e utililada", dentre outros que são empregados por todos os capoeiristas, muitos deles com nomes trocados.

### TOQUES

"Ninguém pode afirmar que são únicos, podendo-se a qualquer momento, até por acaso, se criar um toque diferente dos já conhecidos, legítimos e originários da África que são: "São Bento Pequeno", "São Bento Grande", Santa Maria, "Angola", "Cavalaria", "Panha a laranja no chão tico-tico" e "Essa cobra me morde São Bento".

### BENTINHO E OUTROS

A uma pergunta do repórter sobre o "Mestre Bentinho", Pastinha disse que apesar de não o ter conhecido, ouviu falar de que o homem era muito bom capoeirista, assim como os de Cachoeira, Santo Amaro e Ilha de Maré que merecem sempre ser citados, em se tratando desse esporte.

### MAIOR ALEGRIA

Pintor que não pinta há mais de 12 anos por causa de um defeito visual, Pastinha afirma seu modestia quo a sua maior alegria, é ter o seu nome conhecido em todo o mundo, o que não seria possível se vivesse da profissão. A capoeira só lhe deu a academia. Apesar de ser solteiro, cria filhos dos outros (nove), porque foi também criado por mãe alheia.

### META É ÁFRICA

Sem ter por que ou de quem se queixar, Pastinha se acha um tanto frustrado, apenas por não poder ter ido à África, sonho que acalenta desde tenra infância, não desesperando entretanto, pois espera que Deus lhe conserve um pouco da vista para então ver Angola de perto.

### PREFERE CALAR

Ao conceder as declarações a este repórter, Pastinha foi caligráfico em afirmar que muitas coisas sobre capoeira e capoeirista devem ficar em segredo, pelo menos da sua parte, de vez que não é intenção sua colocar ninguém em má situação, pois todos devem viver ao seu modo, mesmo porque, alguém, futuramente, escreverá as verdades que são desconhecidas, quando muita coisa virá à tona e que propositadamente não foram reveladas no seu livro, o que seria prematuro.

Só o berimbau fala



Fernando  
de  
Noronha

ALISHAN

www.mgimageimagi

Parte oeste da ilha de Fernando de Noronha, tendo como fundo o morro do Francês e, no primeiro plano, o quartel do Exército.

Delia

## Festival na ACM

Estado de Minas

Belo Horizonte,

1968



A Associação Cristã de Moços promoveu na noite de anteontem, na sede da rua Aimorés, um festival de capoeira, para comemorar a formatura da primeira turma, com quatro alunos, após um curso dirigido pelo prof. Cavalieri. Além de demonstrações de capoeira na quadra coberta (foto), houve ainda entrega de diplomas às senhoras que

concluíram o curso rápido de ioga, e ainda a troca de faixas dos judocas-mirim. Duzentas pessoas participaram da festa. A direção da ACM foi representada pelo sr. Nilo Gazire e por todos os professores de educação física. Para o novo curso de capoeira, que terá inclusive a presença de moças, as inscrições já estão abertas na ACM-Aimorés.

A Reportagem do jornal "Estado de Minas" do ano de 1968 é uma reportagem bastante antiga mas muito curiosa se fomos comparar com a capoeira hoje em dia, começando pela quantidade de alunos; hoje em cada batizado temos no mínimo 50 alunos; já naquela época eram só 4. Hoje a quantidade de Homens e Mulheres é quase a mesma e antes era necessário deixar explícito que as moças podiam participar.

# Artes

## de

# Festival na Argentina

# CO

## Memória, Imagem e Imaginação

Dias de Notícias  
Salvador, 29.1.67  
Suplemento

- Capoeira
- espírito de desordem
- Folclore

Se o visitante chega a Salvador, a primeira afirmação que faz ao baiano que o recebe, é: "eu queria assistir uma capoeira e um candomblé". E coisa fácil realmente, pois em todos os bairros não falta um terreiro, ou uma escola, onde o mestre treina os seus discípulos na difícil arte da defesa que, segundo os mais velhos, nasceu da necessidade de uma luta sem armas entre escravos e feitores.

Já houve tempo em que a capoeira era esporte de desordeiros, mas hoje ela passou a ocupar melhor categoria, e não se faz um show folclórico na Bahia sem a presença de uma "escola", onde os integrantes demonstram a sua agilidade.

Mestre Canjiquinha é um dos muitos que vivem sólamente para a capoeira, e a sua colaboração com a SUTURSA foi grande, nesta administração municipal, que cuidou com o merecido destaque desta atração chegando mesmo a construir um barracão para as suas exibições.

Mas a atração da capoeira não está somente nos golpes às vezes lentos, ou mais rápidos, está também nos seus instrumentos, sobretudo no "Berimbau", sempre levado na bagagem do visitante que retorna, e que servirá como uma lembrança presente na decoração de sua residência.

Os candomblés receberam também o apoio promocional da SUTURSA, que nas suas publicações sempre lhes deu um lugar de destaque. Mâes de Santo como Senhora, Olga do Aiaaketo, Menininha do Gantois tiveram o merecido incentivo pela sua participação no incremento do turismo baiano.

A Senhora, cuja saudosa lembrança ficará sempre marcada na memória de todos os baianos e particularmente daqueles que acolheu no Axé Opô Afonja, através títulos honoríficos ou preceitos, como Jorge Amado, Caribé, Genaro de Carvalho, Emanuel Araújo, Waldeir Rego, Roger Bastide, Antonio Olinto Sora Seljan, Zelia Amado, Ruben Valentim, Vivaldo Costa Lima, Pierre Verger, Jean Paul Sartre, Simone Beauvoir e tantos outros, a SUTURSA presta a sua homenagem, neste momento em que apresenta este Suplemento Especial, em que tudo de bom da Bahia surge. E Senhora era, realmente, uma das melhores pessoas que já habitaram esta Cidade de Salvador.

Encontra-se na Argentina, três dos mais renomados capoeiristas de nossa terra, realmente exibindo juntamente com o grupo folclórico da Bahia, do qual, elas pertencem. Cascavel, Saci e Camisa Roxa, são os seus nomes de "guerra" e estão fazendo parte do grupo brasileiro, composto de baianos e cariocas. — esses representado pela escola de Samba de Portela.

Quase todos os países da América Latina participam deste certame, realizado em Salto, cidade do interior da Argentina, que foi denominado de: "Festival Latino Americano Folclórico".

A exibição dos nossos três grandes capoeiristas, deu-se sábado, quando o público "porteno", ficou maravilhado com a elasticidade de Cascavel e Saci e, a técnica impressionante de Camisa Roxa.

Quando do embarque dos mesmos para a Argentina, elas mostravam-se desejosas de passarem mais algum tempo no país vizinho depois do Festival, fazendo exibições de nossa capoeira, nas principais cidades da Argentina. Vale acrescentar que esses rapazes são alunos do Mestre Bimba, e com pouco mais de 3 anos de aprendizado, já mostram ao público Sul-Americano, a eficiência da nossa capoeira.

1969.

**A TARDE**

*Suplemento*

**Oladum, silé  
com novos  
prêmios  
para a Bahia**

Texto de V. Miranda  
Fotos de Paulo Guimarães

45mm  
tos, exibido nas ruas sua farta de impor  
que esse mundo

A Tarde  
Sexta, 9. 1. 1969



JORNAL DO COMÉRCIO

Rio de Janeiro, 6. 10. 1963

3º cad.

pg 1, 6.

JORNAL DO COMÉRCIO. Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1963. 3.cad. p.1, 6.

Artes

ALDERICO TORIBIO.

# Grupo folclórico defende o bom nome da capoeira

Texto de Alderico Toribio

**S**OB os aplausos, o grupo entra em cena, em formação atlética, o mestre na frente, seguido pela turma do ritmo, dois tocadores de berimbau e um pandeiro, e por fim os jogadores, que dão uma volta em desfile e se alinharam, enquanto o explicador faz as saudações, as explicações e as apresentações. Só então começa o jogo, iniciado com a «Ave Maria da Capoeira», as gingas, os lutadores agredindo-se e delendendo-se no bailado afro-brasileiro. Assim faz as suas exibições públicas o Grupo Folclórico Ca-

poeiras do Bonfim, de Mestre Mário Santos, considerados um dos campeões da capoeira no Rio da atualidade. Mário Santos veio há alguns anos, já um exímio jogador de capoeira que aprendeu com o próprio pai, em Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano. Em São Cristóvão, onde se estabeleceu e trabalha como operário, começou a ensinar a sua arte a alguns jovens, e então nasceu o grupo.

## COMO NASCEU

Comparamos primeiro como nasceu o Grupo Folclórico Capoeiras do Bonfim, para depois dizer como se exibe, com seu ritual, suas chulas e seus golpes de luta que são também de dança.

A partir de 1961, o Mestre Mário Santos começou a dar aulas de treinamentos avulsos, lá em São Cristóvão, aproveitando a cooperação do proprietário de Edifício da Rua Fonseca Telles, Sr., que lhe cedeu uma parte do subsolo, onde hoje funciona a sede do grupo que foi formado mais tarde. Eram treinamentos sem compromissos, para amigos desejosos de aprender a luta criada pelas tradições do povo brasileiro. Tais amigos, a maioria de jovens, aprendiam e aprenderam bem a capoeira. De fato, Irineu, Lourival, Zé e Marcos hoje são bárbaros no assunto e passaram a instrutores. O grupo foi crescendo e vieram outros jogadores: Euclides, Gilberto, Gino, Pedrinho, Caíulo, Carmo, Osmar, Pitu, Paulinho. Ainda hoje outros alunos surgem e o grupo continua a crescer e se aperfeiçoar.

## CAPOEIRA E FOLCLORE

A princípio, aprendiam a ca-

poeira só para lutar, como instrumento eficiente de defesa pessoal, e ginástica completa que desenvolve as boas qualidades de um atleta. Com o tempo, compreenderam que a capoeira é mais alguma coisa. É folclore, é arte do povo e como tal precisa ser defendida. Resolveram organizar-se, estabelecer a própria disciplina, normas de conduta, código de ética, uma orientação artística que passou a ser comandada por Marcos Esteves. Ainda hoje ele é o diretor-artístico do grupo, jovem estudante de 20 anos de idade, mas já cheio de responsabilidade para com o folclore brasileiro. A supervisão geral do grupo ficou com Henato Côrtes, que é também uma espécie de «público relations» e empresário do Grupo. O assistente da direção artística Lourival dos Santos.

## A TURMA DO RITMO

Capoeira sem ritmo, sem música e cantorias não tem graça. O berimbau e o pandeiro fazem parte do jogo. Por isso, faz-se necessário constituir a orquestra característica, a turma do ritmo, como eles chamam: Mucugê e Nelson dois bons tocadores baianos, ficaram com os berim-

bau; Pitu e Carmo tocam os pandeiros;

## UM COLABORADOR

Mestre, dirigentes e jogadores pediram que nesta reportagem conste o nome de um colaborador, outro «papão» da capoeira no Rio, o Mestre Arthur Emedió. Arthur também tem o seu grupo de capoeira, em Higienópolis, Bonsucesso.

## A EXPLICAÇÃO

Como grupo divulgador do folclore, o Capoeiras do Bonfim acompanha as suas exibições com breves explicações. Côrtes, o superintendente, explica o que é berimbau, instrumento feito com um arco de birliba e fio de latão, com uma cabaça colada na parte de baixo e aberta do lado em que encosta ou desencosta na barriga do tocador, abafando ou elevando o som. Uma moeda de cobre dobrado encosta ou desencosta no fio, enquanto um varetinha da percussão. Na mão que fica a varetinha está o camxi, espécie de maracá.

Côrtes diz mais que a capoeira é uma luta puramente brasileira e faz um breve histórico. Conclui na 6.ª página

## Fotos de Carlos Roberto

lembra a sua origem africana, quando os negros fugidos para os Quilombos eram obrigados a lutar dentro dos capões de maio na base de golpes que desejavam toda a força no peso do próprio corpo, atingindo com os pés, que são mais violentos do que as mãos. Depois, o negro escravo, desempregado e perseguido, foi obrigado a vender a sua habilidade na luta da capoeira, até que a perseguição policial, nos fins do século passado e princípio deste, levou o jogo a uma situação de ilegalidade. Terminou por quase se extinguir no Rio e no Recife. Persistiu na Bahia, mas como uma dança, uma brincadeira, até que torna a ressurgir nos dias atuais como uma arma de defesa pessoal, ensinada nas academias.

## OS TOQUES

A capoeira possui vários ritmos, os toques correspondendo aos jogos. Todo jogo de capoeira é iniciado pelo toque de Angola. Trata-se de um ritmo lento, o mais clássico, que é jogado mais no chão, o chamado «jogo caido», ou «jogo baixos». O toque Regional ou Santa Maria é mais corrido e jogado

Diário de Notícias

18/08/63

Cap 2 P 3

# Gustavo Barroso defendia capoeira

— Inspirado de um artigo do historiador Gustavo Barroso, de que "o povo brasileiro, e, principalmente o balano, deveria aprender a capoeira, como o japonês aprende o ju-jitsu, não como estímulo à desordem, mas como meio de defesa pessoal", ratifiquei o meu ponto de vista com relação a transformação da nossa dança folclórica em esporte nacional — declarou ao DN, inicialmente, o professor Carlos Senna, que já se exibiu diversas vezes em outros Estados do Brasil sendo aplaudido com vivo entusiasmo e convidado sempre para retornar.

Acrescentou o sr. Carlos Senna que busca com o seu trabalho não praticar pura e simplesmente a capoeira, e sim elevar a mesma ao ponto de ser difundida entre jovens e adultos de todas as idades e sexos, sem vir de encontro a sua condição social, e moral, tendo sido o sr. Carlos Coqueijo Costa, Presidente da Associação Atlética, uma das primeiras pessoas a acreditar no seu trabalho, dando guarida a idéia tendo o sr. Rogério Faria, me convidado para ensinar capoeira no seu clube, a primeira entidade a aderir ao esporte.

## TAMBEM O BAHIANO

— Secundando a iniciativa do sr. Carlos Coqueijo, fui convidado pelo sr. Luís Catárnio Gordilho para ministrar aulas aos seus familiares em sua própria residência, para em seguida também aos associados do Clube Bahiano de Tênis, do qual até é Presidente, resultando daí, ser hoje o Bahiano, o maior núcleo de praticantes do referido esporte, onde mais de 40 menores de 5 a 15 anos se dedicam com afinco.

## MILITARES

Finalizando disse ainda Car-

Artes  
Defesa  
(do)



A capoeira, em certos momentos, pode servir de defesa até contra animais ferozes

los Senna que vencida a etapa social, e já se fazendo tardar a implantação da capoeira nos meios militares e escolares, depois de uma demonstração para a oficialidade da Polícia Militar, onde se encontrava presente o major Genival Freitas, foi convidado posteriormente para ministrar o esporte na Escola de Educação Física daquela corporação, convite este que foi ratificado pelo seu comandante Cel. Lourlido, que por sua vez encaminhou o problema ao Governador Lomanto Júnior para os devidos estudos.

Memória, inédita

GUSTAVO BARROSO

CREUZO SENNA

CAPOEIRA VOLTA AO RIO APÓS DOIS SÉCULOS DE PERSEGUIÇÕES

Luiz Ribeiro

## Mestres vêm da Bahia

Os quatro maiores capoeiristas do Brasil são os baianos Artur Emílio e Mestre Bimba e os cariocas Djalma Bandeira e Sérvio Vieira, que não escondem a sua arte e usam-na para demonstrações.

Artur Emílio e Djalma Bandeira foram apresentados recentemente nos Estados Unidos pelo empresário Carlos Machado, no espetáculo que realizou na Radio City.

### SIMBA

Embora velho, Mestre Bimba ainda luta e já foi considerado o maior capoeirista do Brasil. Criou um estilo próprio e foi um dos primeiros a comercializar a luta, fundando uma academia que não obteve sucesso.

Artur Emílio é considerado o mestre que conserva o estilo puro da capoeira do século passado. Já tentou fundar uma academia em Copacabana.

## Método da capoeira para o Japão

O Tenente Lamartine Pereira da Costa, pretende traduzir o livro *Copociragem — Arte e Defesa Pessoal Brasileira*, de sua autoria, para o Japonês, e enviá-lo para as academias de luta no Japão.

Teve essa idéia ao se recordar do interesse que o campeão japonês de Karetê demonstrou pela capoeira, quando esteve no Brasil, há anos.

# Artes do

## Berimbau dá o ritmo do ensino

O berimbau, instrumento de percussão, é indispensável nas danças da capoeira e nas lutas de capoeira legítima, para dar ritmo e esquentar os lutadores. É complementado pelo pandeiro e pelo reco-reco, que compõem o conjunto da capoeira.

Sua origem é oriental e foi trazido para o Brasil pelos escravos, o que coloca os negros africanos centenas de anos na frente dos alemães e suecos, em se tratando de ginástica rítmica, embora não tenha sido criado para esse fim.

No método de ensino do Tenente Lamartine Pereira o berimbau foi mantido, como instrumento necessário para condicionar os reflexos da luta e dar ritmos aos adversários. É indispensável no ensino da capoeira, pois o seu som anima os alunos. A capoeira torna-se, assim, a primeira luta a ter um fundo musical indispensável para a sua cultura.

## Capoeira usa os braços apenas para compor alavancas com as pernas

— A capoeira é uma luta de característica diferente de todas que conhecemos, pois só é eficiente como luta de distância. Na capoeira os lutadores utilizam-se dos pés e da cabeça para agredir ou desequilibrar o adversário ou adversários — é a utilização do peso do corpo, num sistema de alavancas com os braços e pernas.

Foi o que o Tenente Lamartine Pereira disse aos alunos do CEM na primeira aula de capoeiragem, quando aprenderam os três primeiros e mais importantes movimentos da luta, que, segundo o método do ensino, divide-se em 37 golpes — traumatizantes e desequilibradores.

# Com proteção de Xangô eles fazem maculelê e capoeira

Texto de Carlos D'Avila

Fotos de João Alves



Com toda mestria o jovem escapa do golpe da faca

De alguns anos para cá, com a valorização e a difusão dos aspectos folclóricos baianos (resultantes destes das importações culturais africanas e portuguesas, amalgamadas com o que restou da cultura indígena) numa salutar reação às influências estrangeiras mais afastadas de nossa formação, vêm sendo organizados grupos de jovens, que merecem todo o apoio dos responsáveis, pela educação popular e o prestígio do povo em geral.

## O EXEMPLO VEM DOS VELHOS MESTRES

Na origem desses grupos, sem dúvida, influenciam os exemplos e ensinamentos dos velhos mestres da capoeira e do maculelê, como por exemplo, Pastinha, Bimba, Valde-

etnicos, sociais, tem preto, tem branco, tem mulato, tem sarará. Tem pobre, remediado, rico. Tem estudante primário, ginásial, colegial, universitário. Como tem operário, artesão, bancário, comerciário.

Regidos por estatutos, onde a fraternidade, a lealdade, a sinceridade predominam como consequência das experiências vividas lado a lado do que como medidas de disciplina, os seus participantes exercitam o corpo imbuindo espiritualmente das tradições mais autênticas da civilização baiana.

## APERFEIÇOAMENTO AO VIVO

Treinam com afinco.

Ensaiam várias vezes por semana na igrejinha de Santa Luzia, integrante do conjunto arquitetônico do Unhão (por iniciativa de Renato Ferraz, que assim procede dentro dos princípios que criaram aquela entidade). Mas estudam nas crônicas dos verdadeiros folcloristas e mais do que nos livros, inspiram-se nas rodas de capoeira das ruas de subúrbio, nas exibições intertemporâneas do maculelê, nos ritmos dos sambas em terreiros de poeira das cerimônias do candomblé, nos restos das gafieiras ainda existentes, nos espontâneos costumes populares. Aí aíram base sólida, passando a exhibir-se ao público com as inovações naturais dos tempos, com as improvisações individuais do talento de cada — o que não é novidade, o que vem acontecendo desde o dia em que o primeiro português e o primeiro africano aqui se encontraram — trazendo os dois, os próprios hábitos que influenciaram os costumes aqui encontrados, também destes sofrendo influência.

## UM POUCO DA HISTÓRIA DO AFONJÁ

Fundado em janeiro de 1963, o grupo Afonjá nasceu sob sinal de Xangô. Afonjá é um dos nomes de Xangô, Xangô, orixá poderoso, é condutor de vitória.

Embora com nascimento recente, o Afonjá é um grupo bem estruturado. E

já vem se exhibindo com sucesso em várias ocasiões. Uma delas foi em jantar oferecido ao Presidente Frei, do Chile, no restaurante do Solar do Unhão. Comovido, o presidente do país amigo fez questão de cumprimentar os componentes do grupo, depois de calorosas exibições de capoeira, maculelê, samba duro, puxada de rede de xaxé. Também nas tevés Itapuã e Aratu, o Afonjá deu bons espetáculos. Clubei como o Iate, Associação Atlética do Banco do Brasil, Baiano



Na luta do maculelê de ação empenham-se os irmãos Carlos e Cláudio Maia

de Tenis, Portugueses, já mostraram as suas associações as habilidades do Afonjá. Igualmente se apresentou diante de milhares de turistas trazidos pelas agências Kontik, Conde, Berlinda, Mercúrio, Iorque, Touring. E não há congresso em que o Afonjá não esteja incluído no programa sócio-cultural.

## ESPECTÁCULOS NO TEATRO VILA VELHA

Depois de ganhar traquejo, o Afonjá decidiu-se, neste mês de julho a enfrentar o grande público: o público mais exigente de teatro. O teatro Vila Velha acolheu, na péssoa do seu diretor, o jovem mestre João Augusto. A estreia foi anteontem, 8 de julho. Estreou bem. Casa cheia, de turistas e de baianos. Principalmente de gente jovem. Aplausos, muitos. Que se repetiram ontem.

Ainda hoje, amanhã, depois de amanhã, até o dia 13, domingo, o grupo Afonjá apresentará o seu

espetáculo "Gunga". Com início às 21 horas. E preço baixo: NCs 5,00. O estímulo dos espetáculos teatrais decertos levará o grupo Afonjá a aprimorar-se ainda mais, sem concessões de ordem suspeita, dentro dos principios honestos que se propõem.

## "VERMELHO" É O CHEFE DO GRUPO

Mauricio Lemos de Carvalho é o "presidente" do Afonjá. É o mais conhecido, nas rodas de capoeira, nos sábados do Mercado, na Baixa do Bonfim ou no largo de Amaralina, simplesmente como "Vermelho". Caladão, sizudo, eficiente, é o "faztudo", tanto na parte administrativa como na dramática. Exímio capoeirista, prefere apresentar-se como tocador de berimbau (no que é bamba) e de atabaque, bem como puxador de canto. Assim fiscaliza melhor o movimento da turma — diz ele.

## OS OUTROS COMPONENTES SÃO NOVE

Os garotos Roberto e Norberto dos Santos: dois cobras. Parece que não têm juntas; tão flexíveis são. Com seus malabarismos, jôgo de corpo, malícia, muita leveza e muita gracilidade conquistam o público. São capoeiristas natos. Serão em futuro próximo, verdadeiros mestres. Meninos, têm título de campeões. Tiraram o primeiro lugar no I Campeonato de Capoeira Regional, realizado em janeiro do ano em curso, na capital, José Ferreira Júnior é o chefe do maculelê, Joga bem a capoeira como os Capoeiristas, também de primeira, são Aris Pupo Mercês, Geralosé de Sousa e Mari Ferreira da Costa. Afonjá tem outra dupla: Carlos Vasconcelos Filho e Cláudio Maia. Instrutados, o forte deles, é a luta de fachada, o quadro do maculelê chisna.

# Artes

## MACULELÊ EM ITAPARICA

Hildegardes Viana

Hoje o assunto é o Maculelê em Itaparica. Quero trazer aos leitores a palavra do sempre môço Ubaldo Osório, o historiador da Ilha, que tão preciosos subsídios tem trazido para o estudo da nossa terra e da nossa gente.

Para início de explicação ele diz sem rodeiros não ter sido do seu tempo o Maculelê em Itaparica. Escreve textualmente: "O que sei, sobre a dança, de origem africana, me foi transmitida pelo Manuel Antônio de Paula, um preto, de memória prodigiosa, que fêz na ilha, a campanha da Independência, e faleceu em Amoreiras, com 116 anos de idade.

"O que ouvi, de Manuel Antônio, continua Ubaldo, sobre o Maculelê, repeti, com fidelidade, no livro que, sobre os costumes e as velhas tradições praieiras publiquei, e vai ser, agora mesmo reeditado pela terceira vez.

Mais adiante, em sua missiva, Ubaldo transcreve como descreveu no seu livro os folguedos do antigo Largo da Igreja Nova, em Itaparica, no dia de Nossa Senhora da Conceição.

"Outra dança de golpes e rebatidas, que teve, na antiga Ponta das Baleias, a sua época, foi o Maculelê.

Nas festas de Nossa Senhora da Conceição, ainda nos fins do Século XIX, armava-se, no adro da Igreja Nova, um tablado para a dança guerreira que o mestre José Alô, nos trouxera de São João de Ajudá.

Há praieiros que conservam, ainda viva, a lembrança das festas populares do adro da Igreja, e da figura interessante do mestre José, abotoado num corpete de ganga amarela, desferindo golpes, com agilidade assombrosa contra os lutadores formados, em esquadrões, no centro do tablado.

O negro, de carapinha empoada, investia e recuava, ao mesmo tempo, procurando iludir a vigilância dos parceiros.

Havia lances que o povo freneticamente aplaudia. Desfeitos os esquadrões, formava-se a "roda grande", que o escravo de D. Rita percorria, chamando à peleja, os companheiros que se defendiam com os seus bastões, ao som estridente dos agogôs. Terminada a luta eram entoados os louvores a Mãe de Deus da Conceição:

Vamos louvá a Maria  
A Jesus vamos louvá  
Viemos de Aruanda  
Caminho de Aruá.

Maromba, êh, êh,  
Maromba, êh, áh."

Artes

do

corpo

Memória, imagem e imaginário



Journal a 130th  
São Paulo, 11, 7/69.  
pg 1.

Fotógrafo de visita turista tocando Sescunbar.  
com a seguinte legenda.

Turistas fizeram conta de adorar.

Muitos dos turistas populares foram integrante de embora os estudantes, turistas conto os  
Sescunbar veras dias de folha, atendendo pelas  
férias de férias, de australiano e do folclore. Com  
este ponto abusivo de visita está o Museu  
Modelo, para compra de lençóis, lençóis  
colares, de pano, esculturas de madeira e outras  
artigos típicos, seu exíguo e litorânea de linhas  
em "lanceta". Durante esses primeiros dias  
do mês e comidas de Sescunbar, populares,  
as cores e artigos turísticos representam um  
acerto de cérebros de ordem de 40 por cento.  
Ninguém se queixa a excesso dos próprios  
turistas que os encontram "hotéis" ricos  
abastados a 20 hospedadas em cores particulares.  
Outra maneira é o oficial de turismo,  
nos confessam. e numerosamente convidados  
que fizeram com o billy-o de Sescunbar. E aqui  
voltou sempre em suas shortuniversas.

A unidade no pg. 2

Turistas enfeitam a casa de comidas  
avulta seu negócio em 40 por cento.

VENHA

As sonadas da meada Model  
Modelo, de um momento para outra, fo-  
ram invadidas por centenas de turistas  
e vidas de condecorar e coros bairros e  
adquirir pequenos secundários e anelitos,  
fotografias no Brasil antigo. Esculturas  
em madeira, lençóis, contos, berloques,  
languardous e outras brinquedos e  
os artigos mais procurados pelos que  
visitam Sescunbar.

NAT BARRAGAN

Mesmo o interessante de atacar os frequentes  
tem o célebre "Bolquero" da vila da  
"São Roque": por um lado a Sescunbar  
disponível só o ags-80, atraiendo assim  
as roupas de bia nua da Angola e curi-  
os visitantes. E desse modo vai vendendo  
os seus brinquedos.

# Artes

Yandoo na pinta da <sup>pele</sup> Condecor

Tusvus de Robin  
Mysore 9.12.69  
10 Coconuts

# Memoria, memoria e imaginario

Longitudinal wave patterns are regular and periodic.

24

Journal of the 12/15/69.

# Artes do

Professora Fá Bracarense faleceu hoje para o Confunto  
Leticia Helena.

Jornal da Bahia  
Sexta-Feira 18/10/69  
p. 7

## OUTROS INSTRUMENTOS

O "binimban" de baú - formado de uma bacia e dois arames entrelaçados e empunhados por uma face produz som ideal para acompanhar danças de roda e largamente usado em Marabá.

Atuas em Confunto, na cidadela Grinhe - o que um despertar a atraídos dij a Prof. Eunice, foi a "Marimba de Casaca" e o "binimban de baú". A casaca é a própria para acompanhar a "dança dos cipós" (ritmo de samba) e o grupo que a executa é denominado de "Casa, cal".

Memória imaginária

Salvador, 6.7-10-1968.

# MAES ARTES E DE MUITAS ARTES CAPOEIRA

jorge amado

Capoeira Angola/Ensaio Sócio-Etnográfico é o livro de Waldeloir Rego, tendo na apresentação gráfica capa de Emmanoel Araujo, ilustrações de Carybé, orelha de Jorge Amado e contracapa de Odorico Tavares, que será lançado no dia 10, às 17 horas, na Livraria Civilização Brasileira. O livro é um dos integrantes da "Coleção Baiana", nascida do convênio Editora Itapuã com o Governo Luiz Viana Filho.



"CAPOEIRA"

Waldeloir Rego, moço bajano debrançando sobre os livros e sobre a vida, é comunmente apresentado às pessoas de fora com a seguinte frase: "esse rapaz é quem mais entende de candomblé, na Bahia". Entende, realmente, multíssimo; as religiões afro-brasileiras, o sincretismo baiano, são para ele fonte constante de observação e estudo e o material que durante anos reuniu, possui e está elaborando vai nos dar, com certeza, aqueles livros definitivos que há muito esperamos sobre esse problema. Neste moço não há nada de amadorístico nem exerce a fácil e simplórica vulgarice que tão facilmente acompanha a pesquisa e o tratamento de tais assuntos. Nele tudo é seriedade e honestade intelectual, não há pressa em seu trabalho nem o afia de aparecer. Em seu gabinete, quase uma cela monástica, Waldeloir acumula, separa, cataloga e absorve o incenso acervo que vai buscar na intimidade mais profunda da vida popular baiana. Dessa vida popular ele não é apenas observador, é parte integrante.

No Axé Opô Afonjá, Waldeloir detém

um elevado posto, dignidade que lhe outorgou a finada Mãe Senhora — em alta conta o tinha a famosa iayorixá. Em alta conta o têm Menininha do Gantois, Olga do Alaketu, maez e pais-de-santo; para Waldeloir não existe porta fechada nesse antigo mistério, as chaves dos segredos ele as possui, todas.

Os estudos sobre candomblé levaram-no aos demais territórios da vida popular baiana, a todos os detalhes de sua cultura, de sua formação, de sua "nação". Enquanto mastiga, digere e elabora seus ensaios sobre o assunto central, trabalha os materiais desse amplo continente de temas que é a Bahia, sua cultura e sua civilização; está com um volume sobre afrozes quase pronto e surge agora com este livro sobre capoeira, de Angola que, como o leitor logo verá, engota o assunto de uma vez por todas e sob todos os ângulos. Um estudo que evidencia a qualidade e a extrema seriedade da nova geração brasileira de ensaiistas e pesquisadores.

Tudo quanto se refere ao jogo de capoeira está nesse ensaio; de suas discuti-

## Capoeira, imagem e imaginário

Foto de José CAVALCANTE

das origens às mudanças sócio-étnográficas ocorridas ao passar do tempo, dos instrumentos ao canto, das "academias" à indumentária, não há detalhe que escape à análise exaustiva de Waldeloir Rego. Este seu primeiro livro nos dá uma justa medida da obra cuja realização ora ele inicia e que, espero eu, valerá por uma revisão dos valores culturais do povo baiano, de nossa imensa contribuição à cultura nacional brasileira.

Para completar a informação sobre obra e autor, quero acrescentar apenas: esse Waldeloir Rego é o mesmo que ganhou o Prêmio Nacional de Artes Decorativas, na Primeira Bienal Nacional de Artes Plásticas da Bahia e a Medalha de Ouro no Terceiro Salão de Arte Contemporânea de Campinas com suas costas de candomblé, seus colares de Iansan, de Xango, de Yemanjá, devorando bibliotecas, Waldeloir é a negação do虚虚 (vazio) e da cultura do gabinete. Seu conhecimento mais profundo vem do povo, da vida popular baiana que é sua vida, seu rico quotidiano, sua carne e seu sangue.

# Maculê, capoeira e samba Ade Artes



Mestre Gato e seu filho Gato II numa exibição de capoeira.  
(Foto de Teobaldo Santos, especial para o "CB".)

Mestre Gato, conhecido capoeirista de Salvador, Bahia, encontra-se em Brasília, com seu conjunto folclórico, representando a "Bahia de Todos os Deuses", e se tem exibido por diversas vezes, oferendo ao público números de capoeira, macoléle, samba de roda e capoeira no samba. Professor da arte que remonta aos tempos da escravatura, Mestre Gato mantém em Salvador a Academia de Capoeira Angda, ensinando a um grupo de 60 moças; ao todo são 250 alunos, entre êsses, americanos, franceses, alemães. Ensina também na Escola de Dança, da Universidade da Bahia e a um grupo de crianças, na Escolinha de Artes Plásticas. A universidade de Brasília propôs a Mestre Gato sua contratação para ensinar a capoeira. A FAUNB declarou que nesse sentido, está fazendo gestões junto ao conhecido artista bahiano, devendo proceder à sua contratação no segundo semestre desse ano, com um ordenado entre 900 a 1.200 cruzeiros novos. Mestre Gato (José Gabriel Góes) está quase decidido a trocar a

Bahia por Brasília, em caráter definitivo. Contudo, ainda não deu sua palavra final sobre o assunto. Hoje, no Teatro Martins Penna, às 21 horas, Mestre Gato e seu conjunto, composto de sete elementos, entre êles: Almir Barros, conhecido por Tião do Pandeiro; Sinésio Souza Góes, ou "Gato II", e José de Souza Góes, o "Gatinho", fará sua última exibição.

Mestre Gato representou o Brasil no Festival de Arte Negra de Dakar, na África, onde obteve para o nosso país o 1º prêmio. José da Silva Góes, um dos maiores capoeiristas do Brasil, aprendeu sua arte com o famoso mestre Vicente Ferreira Bastinho, mas desde criança demonstrou sua vocação, e foi com a idade de 8 anos que ganhou o apelido de "Gato", por sua habilidade e artimanhas. Mestre Gato é considerado por muitos o Papa da Capoeira na Bahia.

O programa que será levado a efeito hoje no Martins Penna consta de três partes: Samba de Roda, Demonstração de pandeiro, Maculelê e Capoeira.

# MESTRE SENA FALA COMO CAPOEIRISTA É ATLETA.

● Entrevista

— Salve!

A saudação é ouvida em uníssono na sala onde vai começar a instrução de capoeira do Mestre Sena, diretor do Senavox. A palavra "Salvé!" — que representa a saudação entre mestres e discípulos, dentro da disciplina orientada no Centro, segue-se uma reverência muito semelhante àquela que fazem os jodokas antes de iniciar a função. Todos sem distinção, e na postura clássica curvam-se da cintura a cabeça, voltando imediatamente à posição inicial.

Mestre Sena está presente. Ele e seus instrutores, todos trajando jaqueta que foi idealizado pelo próprio para caracterizar a capoeira. A identificação entre as categorias são feitas pelas fitas também dentro da concepção jodoka, e isto ao qual, durante certa fase de sua juventude, o Mestre Sena se dedicou. Feita a saudação, cada qual senta-se em seu lugar e os instrutores vão ordenando

que as duplas iniciem o jogo. Dirigindo-se ao discípulo:

— Você... venha aqui!

Atencioso e obediente, o aluno levanta-se, dirige-se ao meio do salão e inicia a sua ginga. Como um polvo, os braços se locomovem num vai-vém constante, enquanto ritmicamente as pernas e o corpo, em flexíveis movimentos, vão complementando o jogo de capoeira. A um canto — e não podia faltar — o berimbau solta seus acordes funcionando como guia daqueles que executam a estranha dança: um giro para lá, outro para cá, a perna sobe a altura da cabeça, depois desce. Mao para o chão, uma virada no ar, dormiu no ponto (o que caiu).

Mestre Sena se retira, e chama o repórter:

Vamos aqui no ginásio, podemos conversar melhor.

Ele tem seus pontos de vista quanto a capoeira. E outros esportes, também. A capoeira é seu forte, mas, como

esportista que sempre foi, bem ou mal praticou vários deles: futebol, basquete, vôlei, natação (o Unhão era domínio da turma da Piedade, de qual participava), judô, jiu-jitsu, etc. Justamente por isso não se omite quando há perguntas sobre qualquer destes esportes. Gosta de falar com franqueza: dura em quem doer. E, depois de sentar-se em uma poltrona, diz:

— Pode começo. Estou pronto para a sabatina.

Sem qualquer cerimônia, damos começo:

— **Opina sobre Helio Gracie?**

— Claro... Enganei-me redondamente com a sua inteligência. Sempre o tive nessa conta, mas na hora de utilizá-la criando academias de jiu-jitsu, que era o seu esporte por todo o País não sobre fazê-lo e acabou perdendo que o judô dominasse. Não posso negar, todavia, seus conhecimentos e o grande poder de comando que tem.

— **E Valdemar Santana?**

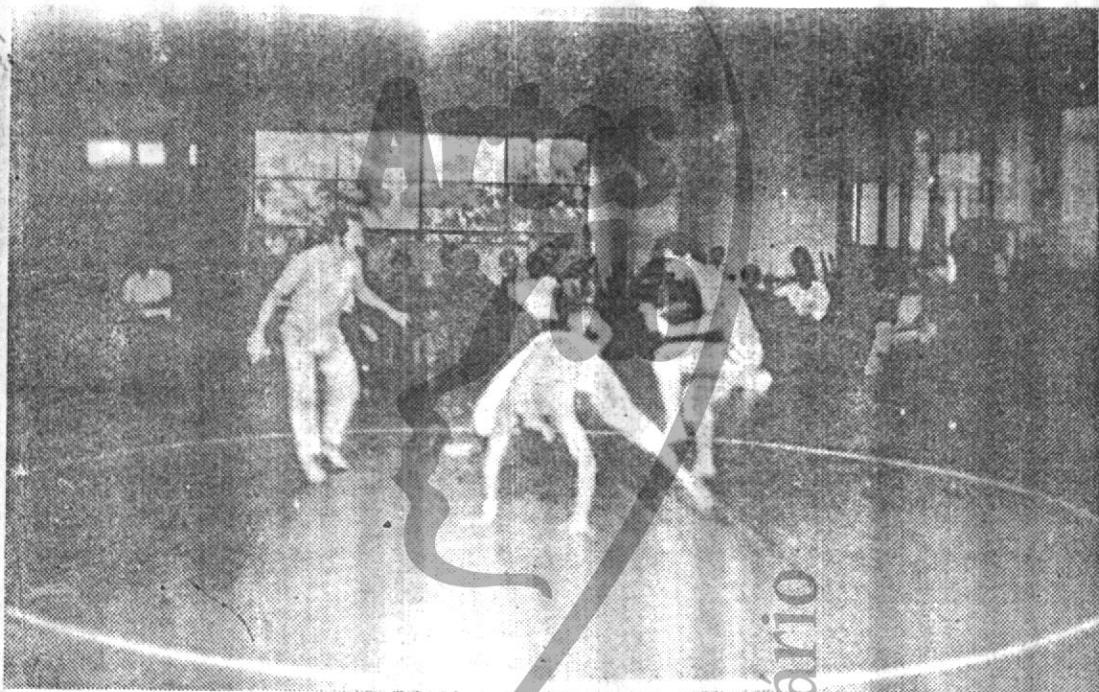
— Apenas um homem dota-



"GINGADO"

Depois da saudação, começa o "gingado" e, em seguida, as pernadas dos 2 capoeiristas

Notícias Esportivas  
Salvador, maio  
ou dezembro  
1969



# CAROÉIRA

ERALDO DIAS MOURA COSTA

Em continuação ao número passado relaciono abaixo os golpes de Guarda Baixa, discutidos e aprovados no II Simpósio de Caroéira realizado no Rio de Janeiro em novembro último:

## GUARDAS BAIXA

- 11- Cocorinha
- 2- Negativa
- 3- Resistência
- 4- Queda de quatro (à estudar)
- 5- Rolê ou Rolô
- 6- Jôgo de corpo
- 7- Ponte
- 8- Aúh
- 9- Queda de rim
- 10- Salto pescoco
- 11- Salto para traz
- 12- Pulo para frente, lados e traz
- 13- Giro

- 14- Fuga do rosto
- 15- Volta por cima
- 16- Passo atrás (à estudar)
- 17- Eu ia...

## ENTREVISTAS

A partir do próximo número iniciaremos uma série de reportagens focalizando os cobiços da Capoeira na Bahia. Colocaremos em debate dois capoeiristas, para que os leitores possam ter uma ideia de como cada um deles, coloca em prática este grande esporte que é a Capoeira.

Hoje em dia é grande o número de rapazes que procuram as academias em busca de melhores ensinamentos desde que a Capoeira bem praticada é um esporte saudável e porque não dizer que faz parte direta na própria educação do homem.

# Artes

## CAPOEIRA

Eraldo Moura Costa

eu falava a alguns turistas a cerca da evolução da capoeira na Bahia. Despertou atenção de um deles a perseguição do capoeirista pela polícia antigamente. Era um jovem universitário paranaense, que após a exibição quis saber mais detalhes sobre o assunto; então eu lhe contei coisas ouvidas do meu Mestre.

Capoeira era terminantemente proibida pela polícia e os infratores eram encarcerados nas leis. Para se jogar capoeira nos idos de 1920, era preciso uma autorização da polícia ou do delegado. Autorização esta que custava duzentos mil réis por uma hora ou duas no máximo, em quanto tocasse o berimbau. Este dinheiro seria da divisão entre os capoeiristas, que por isso não perdiam tempo; enquanto o berimbau estivesse tocando, eles estavam lutando. Não esqueçamos que quem jogava capoeira antigamente eram as pessoas de classe baixa e malandros.

Caso a roda de capoeira fosse ilegal, aparecia sempre a cavalaria da polícia (composta de 8 a 10 policiais montados) para acabar com a dita roda. Foi por isso que surgiu o toque denominado de Cava.

Notícias Esportivas.  
Sexta-Feira 18. 11. 1968

nº 4.

loria, que era como aviso a todos da roda que a cavalaria da polícia estava se aproximando, dando lugar a uma correria geral.

Um chefe de polícia da Capital ficou famoso pela sua perseguição à Capoeira, foi o Dr. Cova. Raramente numa roda de capoeira alguém era preso e não ser que a roda fosse bastante grande para formar confusão entre os corredores. Também as rodas eram realizadas distantes do centro, onde era de mais difícil acesso à polícia, ou então os delegados de quartelão eram mais flexíveis no cumprimento das leis. Somente em 1934 com o governo na mão do então interventor Juracy Magalhães a capoeira começou a deixar de ser perseguida e evoluiu para o seu estado atual.

O jovem ouviu falar calado e depois disse: A polícia tem sempre que perseguir, artigamente eram os capoeiristas que lutavam para mostrar algo criado por nós, normalmente são os estudantes que lutam por um Brasil melhor. Calei-me...

### RABO DE ARRAIA

Existe na Guanabara vários grupos de Capoeira, sendo o mais conhecido entre nós o "Senzala", que possui dois componentes baianos que são: Anjo e Preto, ambos ex-alunos de Mestre Bimba.

Na semana passada o referido grupo apresentou-se com muito sucesso, segundo a imprensa guanabara, no Festival Universitário, realizado naquele estado, na sala Cecília Meireles.



LEDY GONZÁLEZ, fotos de CARLOS ROBERTO

# Artes

O ASSUNTO É CAPOEIRA

Nos idos de 1959 surgiu na Cidade Maravilhosa um ponto de convergência para os amantes do folclore nacional. Fundada pelo cidadão Rubem José Barbosa, que vinha das andanças internacionais com o Teatro Folclórico Brasileiro — o popularíssimo «Brasiliense» — a Academia de Danças Modernas, Clássicas e Folclóricas «Rio de Janeiro Brasil» passou a espalhar pela Velhacap os ritmos autênticos da nossa raça — maracatú, frevo, cônico, xaxado, baião, candomblé, batuque, macumba e samba, em suas formas legítimas e estilizadas, numa evolução natural em busca de novas expressões plásticas. Para coroar a arrojada iniciativa, a Bahia enviou um dos seus representantes mais categorizados na Arte-Esporte-Dança-Ginástica: a Capoeira. E o Rio abriu alas para o Arthur Emídio.

#### ORIGEM

Originária da África, trazida para o Brasil pelos negros Bantus escravizados, que vinham trazer com suor e lágrimas, debaixo do açoite do feitor, o braço robusto para o trabalho de engrandecimento da terra dos Senhores brancos, a Capoeira foi introduzida na Boa-Terra, onde se naturalizou, criou raízes e é tida como ponto alto, executada ao som dos berimbás e pandeiros, com seus múltiplos «enredos», «São Bento Grande e Pequeno», Santa Maria, Santa Luzia, Iúna, etc...

Praticada, agraciada, proibida e propalada, a Capoeira tomou impulso, cresceu, foi imortalizada por Rugendas e Debret, narrada por Manoel Quirino, espalhada por famosos artistas, ágeis e valentes, nos «toques» e «pontos» e «Rabos-de-Arraia»...

Considerada pelos leigos uma dança de terreiro, a Capoeira não é tão simplesmente isso. Esporte nacional, como informa Rubem Barbosa, utilizado para defesa e ataque, requer destreza e concatenação de movimentos. Como ginástica, oferece desenvolvimento dos músculos em perfeita harmonia, dando elasticidade, e elegância ao corpo, mantendo-o saudável, jovem, forte.

#### MESTRES SE ENCONTRAM

No Rio, Arthur Emídio encontrou Rolland Vasconcellos, também chegando da Bahia, «cônsul» da Capoeira, colega da «evadiação», enviado igualmente por «mestre» Abner Assis para difundir pelo mundo o esporte ritmico da gente brasileira, meio dança, meio exercício, cheio da «malandragem» e da malícia própria da raça. Na «Academia Rio de Janeiro Brasil», os dois se uniram para ensinar a quem quiser aprender a Arte grande de capoeirar. Arthur Emídio, que já se exibiu para os presidentes Getúlio Vargas, Kennedy, Eisenhower, Juscelino, é quem afirma: «Não temos qualquer apoio das autoridades na tarefa de tornar conhecida e praticada a nossa Capoeira. Apesar dos esforços de uns poucos, dos quais se destaca o Rubem, é preciso que maior atenção seja dada ao expoente máximo do genuíno desporto nacional.» E o Emídio fala com a experiência adquirida como «globetrotter» capoeirista, convidado das platéias exigentes da Europa, América do Norte e África do Sul, nas ondas do «Skind»...

Aqui também o Arthur Emídio encantou o público em exibições notáveis na TV. Ora no «Times Square», logo no «Consuelo La Dulce» e «bás» no programa Paulo Gracindo, numa verdadeira demonstração de estilismo e graca.

Por sua vez, Rolland Vasconcellos é visto e apreciado, notadamente em sua atuação no filme «Pagador de Promessas», premiado em Cannes com a «Palma de Ouro», onde o exímio capoeirista deu um «show» inesquecível de «Rabo de Arraia», «pontos» e «toques» no embalo gostoso do berimbau...

#### DONOS DA BOLA

Assim é que, em se falando de danças folclóricas (maracatu, frevo e adjacências) tem que se falar nos «donos da bola»: — Rubem José Barboza, Arthur Emílio e Rolland Vasconcellos — que contam ainda com a cooperação do Raul Soares, do corpo de baile do Mu-

MUIII

TÍTULO O BALLET DA CAPOEIRA  
JORNAL DIÁRIO DE NOTÍCIAS  
LOCAL PORTO ALEGRE/RS  
DATA 04.10.1964  
PÁG.



Cláudio Renato KUCK

"Como um gato, corre, recua, avança,  
808

rodopia ágil"

"FALA forte. Gargálha. Cheira a aguardente e discute. E' o capoeira. Sem ter do negro a compleição atlética, ou sequer o ar rijo do reino, é, n'entonanto, um ser que tóda a gente teme. Na hora da luta o homem franzino e leve transfigura-se e aos saltos, como um gato, corre recua, avança e rodopia ágil, astuto e decidido. Nesse manejo inopinado e célebre, a criatura é um ser que não se toca ou não se pega, um fluido, o imponderável. Pensamento. Relâmpago. Com a cabeça em meio aos punhos em que anda, atira cabeçada sóbre o ventre daquêle com quem luta e o derruba. Com a perna lança a trave, o calço. A mão joga tapona e com o pé a rasteira, o pião e ainda o rabo de arnáia. Luta com 2, 3 e até com 4 ou 5. E vence a todos". Comentário de Luís Edmundo sobre a capoeira, em seu livro "O Rio de Janeiro no Tempo dos Vice-Reis".

A capoeira veio para o Brasil trazida pelos negros Bantu vindos de Angola. Dos mesmos Bantu que nos deram o samba, batuque, ranchos de boi e muitos outros elementos de nosso folclore. Primitivamente a capoeira não passava de passos de dança religiosa, em que o negro, no seu misticismo, rezando ou esperando o santo, ia exacerbando seus movimentos, sua ginga, seus saltos, "o bamboleio, até atingir verdadeiro paroxismo.

"Zum-Zum-Zum  
Capoeira mata um"

"Menino pequeno é dengoso  
Joga de dentro p'ra fora  
Joga de fora p'ra dentro"

"Tiririca é jaca de cortá  
Prepar'a barriga p'ra apanhá  
Camarada bota sítido!  
Capoeira vai tê batê".

Os negros escravos fugiam e refugiavam-se em Quilombos e Palmares. Ali reunidos saqueavam as fazendas próximas a fim de subsistir, ou então para vingar-se das torturas sofridas nas mãos de seus antigos proprietários. Um desses grupos, chefiado por um negro que se tornou famoso, Zumbi, derrotou 24 expedições de extermínio. Em 1687, Domingos Jorge Velho com 7 mil homens, saiu à captura dos negros, com a promessa oficial do governo de ganhar um pedaço de terra para cada negro morto ou capturado. Na luta que se travou então, os negros, combatendo nas capoeiras com agilidade, braços, pernas, cabeça e tronco, colocando em ação o que antes era apenas usado em devocções místicas, conseguem várias vitórias sobre Domingos Jorge Velho.

Finalmente, em 1697, os habitantes dos Palmares foram batidos e a sua maneira de lutar no meio dos capoeirais passou a ser conhecida como capoeiragem. Ela alcançou as fazendas, povoados e cidades, não mais como dança mística, mas como arte de ataque e defesa. A agilidade e a violência dos combatentes se espalhou de pressa e o mulato tornou-se o tipo ideal do capoeira. Era o inicio da capoeiragem, que alcançou o apogeu no século XIX, quando chegou a abalar a própria República, no seu primeiro ano de existência. Quintino Bocaiúva era ministro de Relações Exteriores e inconformado com medidas do governo, que resolveu deportar os capoeiras para a Ilha de Fernando Noronha, solicitou a sua demissão do ministério, originando uma grande crise para o governo do marechal Deodoro.

Quando, em 1808, a Família Real Portuguesa veio para o Brasil, desalojando milhares de famílias no Rio de Janeiro, a vingança da população foi feita pelos capoeiras. Assaltavam e mutilavam os nobres portugueses na solidão das madrugadas. Foram combatidos primeiro pela polícia, que não conseguiu batê-los, tendo o governo imperial apelado então para o Exército, a fim de os subju-

# Artes

O JOGO DA CAPOEIRA

Dá-se o nome de capoeira a um jogo de destreza que tem suas origens remotas em Angola. Era, antes, uma forma de luta muito saliosa na defesa da liberdade de fato ou de direito do negro liberto, mas tanto a repressão policial quanto as novas condições sociais o fizeram com que, há cerca de cinqüenta anos, se tornasse finalmente um jogo, uma vaadiação entre amigos. Com esse caráter inocente a capoeira permanece na Bahia, enquanto em outros Estados, em que se registrava autora, formas subsidiárias dela continuam vivas.

Trata-se de um combate singular em que os "moleques de sinhá" apenas demonstram a sua capacidade de ataque e defesa sem, contudo, atingir efetivamente os oponentes.

\*\*\*

O jogo de Angola cresceu e chegou à maioridade no Brasil ao tempo da escravidão. Desde o nome. Ensina o dicionarista Macedo Soares:

"Pode que capoeira gente venha de capoeiramento. Do negro que fugia dizia-se e diz-se ainda: "Foi pra capoeira; caiu na capoeira, meteu-se na capoeira". E não só do negro, mas também do recruta e do deserto do exército e da armada, que procurava fugir das autoridades policiais, e empenhadas em agarrá-los. E diz-se também do gado que foge do campo. "Um capoeira" não seria sinônimo de "negro fugido, canhambora, quilombola"? Este para se defender, precisava atacar; e às vezes inculcava, apenas mais, malvadez do que tinha. "Negro fugido, canhambora, quilombola", ainda hoje são sinônimos de ente perigoso, faquirista, assassino, e, ao mesmo tempo, vivo, esperto, ligeiro, corredor, destro em evitar que outros o peguem, capoeira enfim".

Macedo Soares escreveu este verbete por volta de 1888.

Mais de cem anos antes, porém, as maltas de capoeiras já inquietavam os cidadãos pacatos do Rio de Janeiro e se tornavam um problema para os vice-reis. Espalhavam-se pela cidade, acabando festas, pondo a polícia a correr, tirando a teima dos valentões... Defendiam a sua precária liberdade, ora empregando apenas a agilidade muscular, ora valendo-se de cacetes e facas. Foi então que apareceu o major Vidigal, chefe de polícia do Rio de Janeiro nos começos do Século XIX, um diabo de homem que parecia estar em toda parte com seus granadeiros armados de longos chicotes, que, protegidos pela distância a que mantinham os capoeiras, podiam ofendê-los a salvo. Apareceu até uma quadrinha popular:

Avissei o Vidigal,  
cai no lodo  
Se não sou ligeiro,  
sujava-me todo

O regente Feijó impôs castigos corporais e desterro aos capoeiras cariocas. O problema pareceu solucionado com Segundo Império, mas o dr. Campaço Ferraz, chefe de polícia do primeiro governo republicano, teve de usar a sua energia para prender os famosos "valentões" Manduca da Praia, Maneca Reis... e desterrá-los para Fernando de Noronha, vencendo a resistência que lhe opuseram os políticos que os apadrinhavam. O Código Penal de 1890 previu penas corporais e desterro para os que se entregassem à capoeiragem.

As maltas da Bahia foram desorganizadas por ocasião da guerra do Paraguai: o governo da província recrutou à força os capoeiras, que fez seguir para o sul como "voluntários da Pátria". Manuel Querino conta que muitos deles se distinguiram por atos de bravura no campo de batalha.

O mais famoso dos capoeiristas nacionais era natural de Santo Amaro na zona canavieira da Bahia, e tinha os apelidos de Besouro e Mangangá, gênero de besouro venenoso. Era invencível e inviolável. Ainda agora as chulas da capoeira cantam as suas proezas lendárias. Era o mestre dos mestres:

...meu mestre foi Mangangá.  
Na "roda" que ele esteve  
outro mestre lá não há

) METROPOLITANO - GB - 3/1/1960, 1. cad.: 6

# Artes

## do

### Pugilismo (de Broughton), Judô (de Mifune) e «Angola» (de Pastinha)

B. PEIXOTO

(da Escola Nacional de Educação  
Física e Desportos)

Jack Broughton, Kiuzo Mifune, Vicente Pastinha. Três nomes, três esportes e três regiões diferentes, porém idênticos numa qualidade: mestres eméritos nas suas especialidades esportivas.

Broughton, inglês; Mifune, japonês; Pastinha, brasileiro da Bahia. Todos eles grandes lutadores e renovadores dos seus respectivos esportes: Boxe, Judô, Capoeira.

O Boxe após a fase da Idade Média e em época bem aproximada — séc. XVIII — reapareceu na Inglaterra escoimado de algumas características antigas mas conservando outras.

A figura marcante desse momento do pugilismo é Tom Figg, o seu introdutor no meio aristocrático inglês, que levou os nobres do país a praticarem esse esporte como manobra de preparo físico e elemento de defesa pessoal, e por homens do povo para competições esportivas.

Broughton foi o continuador da obra de Figg, e cognominado até de «o pai do Boxe», não só por manter a luta em pão do pugilismo como por introduzir modificações na sua prática, com regulamentações que o melhoravam tecnicamente.

Oriundo do Jiu-jitsu, o Judô foi a criação do grande Kano, que ainda fundou a Kadokan, um instituto sob as espensas do governo, destinado a apoiar essa atividade esportiva.

Após Jigoro Kano, um nome aparece dando uma outra qualificação ao esporte: «Judô de Mifune», anteriormente citado como «Judo de Kano».

Mifune é o grande mestre considerado como o continuador de Jigoro Kano e renovador do Judô.

A «Angola», a Capoeira da coreografia, da música e do canto, a luta dançada, tem

como sua personificação a figura de Mestre Pastinha, um homem inteligente, cheio de vivacidade e energia. Apesar de ter ultrapassado já os setenta anos, é rijo de corpo e de vontade. Vimô-lo diversas vezes em ação, treinando os seus discípulos, ou dando com eles demonstrações em que a sua atuação nada se diferenciava da dos jovens, em agilidade e desembaraço.

Lutador incansável pelos interesses da Capoeira, que sonha realizar disseminando a sua prática, tornando-a conhecida e compreendida pelo resto do país. Luta de gigante — consequência das vicissitudes que enfrenta esse esporte — e ele o é em espírito e vontade, embora pequenino no tamanho físico.

O Mestre Pastinha não é um profissional da Capoeira. A sua profissão é a marcenaria. As vantagens monetárias que dela aufera é para inverter-pela mesma, auxiliando os seus discípulos ou mantendo a escola que dirige, o Centro de Capoeira Angola, que funciona na Ladeira do Pelourinho, Salvador. É bem organizado. Mantido nas condições que deve ser um local de ensino de atividade esportiva. Denotando visão de quem o dirige.

Antes de Pastinha a Capoeira era aprendida com o aluno praticando-a generalizadamente. Ele teve a visão dessa deficiência e organizou o ensino na sua escola de maneira mais perfeita, dando-lhe um melhor método, de modo a um iniciante aprender como tal.

Realização sua é ainda um trabalho sóbre a Capoeira baseado todo em desenhos feitos por ele, contando já dois farto volumes. Em consequência da dificuldade de descrever por palavras Pastinha recorreu à

Oficina  
São Paulo, 1969  
ANO 1 - Nº 3

# Artes

# oficina

ANO 1 — NÚMERO 3 — JUNHO 1969

Memória, imagem e imaginário. Introdução

- Dança.
- instrumentos musicais
- toques de berimbau
- canto
- Neste Brasil
- Música Popular
- dança
- Orquestra de samba
- samba.

Alles

A TARDE

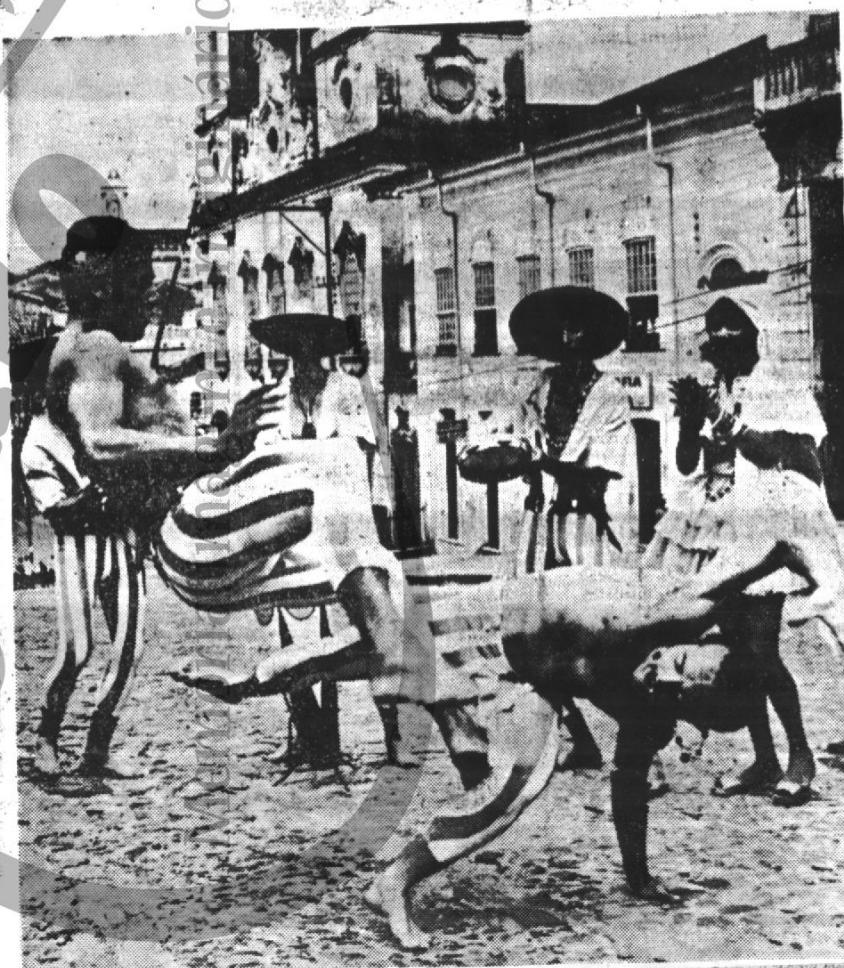
Suplemento

1969.

Oladum, silé  
com novos  
prêmios  
para a Bahia

Texto de V. Miranda  
Fotos de Paulo Guimarães

A Tarde  
Sexta, 9. 1. 1969





Este o ano o Itamarati tem uma novidade em sua programação para o Exterior: a ida à África e à Europa do Grupo Olodum, de Salvador, vencedor do I Festival Latino-Americano de Folclore, de Quito.

Olodumará significa "o omnipotente em orubá. Mas quando o grupo tomou corpo, seus participantes mudaram para Olodumá, o dono da festa. Mais fácil de ouvir.

Na Bahia, o Olodum já se apresentou demais. No Teatro Castro Alves para turista ver. Agora quem quer vê-lo é o grande público. Também pudera. Após o sucesso em Quito, fizeram uma tournée pela América Latina depois de participar do Festival Internacional de Folclore, em Los Angeles, nos EUA.

MAE-ZEFA

Odolum é um grupo com muito jovem, muito universitário e secundarista. Sabe e mostra capoeira, samba, maculelê e samba de roda. A maioria dos participantes tem pouco mais de vinte anos: Benjamin Muniz, estudante do 4º ano de Administração, coordenador geral do Grupo; Onias Carnardelli, estudante do 3º ano de Belas Artes, diretor artístico Ednaldo Carneiro, 2º ano de agrimensura, supervisor técnico; Engº Civil Augusto Muniz, 1º Secretário; Fernando Palos, estudante de Dança, diretor de patrimônio.

A Quito foram ainda três convidos: Ezequiel Martins, Carlos Roberto (Lupa), campeão da Escola de samba do Garcia e Alda Santos.

Mas a grande figura do Grupo é Mãe Zefa, com apenas 102 anos de idade, ou

seja um pouco mais de século de vida.

— Ela é o patrimônio histórico do grupo, a mãe espiritual, talismã guia de paz e de harmonia. Ela é o centro do espetáculo e da vida real do grupo. — Benjamin Muniz, o coordenador geral.

Em Salta, Oloñum representou o Brasil. Concorreu com o Equador (Balés Clásicos de Marcelo Odoñez e Patricia Olaesia, Pau), Bolívia (Balé Nacional de Potosí) e Paraguai e Chile. Venceram e viveram o "Ritumíñfia do Oro", uma placa circular de ouro com esfigmís de um chefe guerreiro que escondeu dos conquistadores espanhóis o ouro de sua tribo na época da descoberta do Novo Mundo, segundo a lenda equatoriana.

Não foi a primeira vez que visitaram o Exterior. Ainda no ano passado foram a Salta, na Argentina, participar do III Festival Latino-Americano de Folclore. Na vez, na base da cara de pau, sem dinheiro e sem ajuda. Ganhamaram o segundo lugar para o Brasil e foram considerados o Grupo Mais Premiado de Certejane com três medalhas de ouro e uma de prata. Concorreram com nove países: Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina, Chile, Panamá, Uruguai e México. De Salta foram a Buenos Aires fazerem apresentações oficiais por conta da embaixada brasileira na Argentina e mostraram o que sabem em Córdoba e Rosário, duas importantes cidades.

## TUDO SURGIU

O Grupo Olodum não foi criado. Ele surgiu, Numa casa em Brotas, de Ubirajara Almeida (Acordeão). Vinte rapazes reuniam-se três vezes por semana para um contacto informal discutindo folclore

e arte popular, permitiu um novo tipo de apresentações em caráter amador. Em julho de 1966 resolveram apresentar seus espetáculos de maneira estilizada. Foi a vez de "Vem Camará" chegar no Teatro Vila Velha.

Depois partiram para o Rio Janeiro e apresentaram-se no Teatro João V. Não havia promoção. O campo grande demais. Começaram então a montar a capoeira em um quarto de hotel, no transito em Copacabana. A imprensa carioca descobriu a coisa, divulgou e a temporada obteve sucesso. Quando estavam no melhor da festa chegou a época das aulas e o pessoal voltou para fazer suas provas.

## DIMINUIR, MELHORAR

O Grupo estava grande demais. Difícil de controlar, de se manter. Foi reduzido para nove figurantes. Em fevereiro voltaram ao Rio, ainda em 1967. O show: "Quem vem lá? Vem Camará 67". Novos números, novo repertório. Fracasso. Era época do carnaval e dèle o carioca não se afasta para lada. Em março de 1967 Benjamin Muniz vai ao Rio e tem contacto com o Consulado argentino. É convidado para se apresentar em Salta. A primeira grande experiência internacional. Nesta altura Ubirajara deixa o grupo por razões particulares. Após Salta novos espetáculos no Teatro Castro Alves, em julho de 1967. Em janeiro de 1968 apresentam "Luanda, Luanda", quando conhecem o empresário Raúl Desmandi que filma com o Grupo no Jardim de Alé prometendo levar a pessoal a Los Angeles, o que é feito em maio do ano passado. Apresentam-se, ainda, na Universidade da Califórnia e Los Angeles para vinte mil universitários norte-americanos. A morte de John F. Kennedy atrapalha a programação nos Estados. Voltam e em julho do ano passado apresentam "Luanda, Sílê", no Teatro Castro Alves. Sílê, quer dizer retorno. Neste momento as embalagens no Brasil não começam a dizer que Itamaraty tem um balde grande andá fezendo o sopro lá forá. O Governo começa a pensar neilho. A Suturas manda imprimir os cartazes de "Luanda, Sílê" e carrega-a para a Secretaria de Educação e Cultura da uma ação de cinco mil cruzamentos no Rio.

## BALE NACIONAL

O grande sonho do Grupo Olodum no Dizer de Benjamin Monte, é transformar-se num Baile Folclórico Nacional exemplo dos existentes no México, na União Soviética, Peru e Paraguai. Os primeiros passos já foram dados com o auxílio do Ministério das Relações Exteriores, através do Embaixador Donatello Góes. As primeiras consequências: a Quinta o grupo foi como representante oficial do Brasil, com todas as despesas pagas pelo Itamarati.

E este objetivo deve ser atingido o quanto antes, enquanto o pessoal não envelhece e não abrange outras atividades profissionais que sirvam de obstáculos a seu trabalho artístico. A partir de então, Mão Zéfa não será apenas um patrimônio da Bahia, mas de todo o Brasil. E gabinete éles têm, precisam apenas que o estímulo permaneça. Sózinhos, "na cara de pau" poderão fazer muito, mas não tanto.

# Pastinha Chega Aos 78 Anos Numa Cadeira de Rodas Vendo Cair a Tarde no Pelourinho

— É de ouer camará. Terminar os meus dias numa cadeira de rodas assistindo aos meninos jogar capoeira, as minhas pernas tremendo de desejo, a recordação feito fogo em minha cabeça, das bençãos, dos martelos, das armadas que encheram a minha vida de vitórias desde os dez anos de idade.

Mestre Pastinha, aos 77 anos, entoa o seu Canto do Cisne, semi-paralítico, ameaçado de cegueira mas ainda no batente, ensinando aos seus alunos da Academia Angola a capoeira que, se serviu aos negros dos Palmares para lutarem contra os senhores, hoje é o único meio de vida para o forte mulato atingido pela sorte.

## FAMÍLIA

Vicente Ferreira Pastinha mora num casarão da Ladeira do Pelourinho (o mesmo que hospedou a Rainha Isabel quando ela esteve na Bahia), pagando um aluguel de 80 mil cruzeiros mensais. Vivem sob sua responsabilidade, sua esposa, duas filhas e quatro netos mas o velho capoeirista só consegue arrecadar com suas aulas às terças, quintas, sextas-feiras e domingos pouco mais de 150 mil cruzeiros mensais.

Deste dinheiro tem que tirar as despesas com a Academia para depois "se virar para comprar uma comida muito mincha pro pessoá".

## DOENÇA

Há um ano começaram a aparecer os sintomas da doença que foi progredindo e ameaça agora Mestre Pastinha de perder todos os movimentos da perna que outrora deu muito que falar em tóda a Bahia pela sua agilidade e pela força de seus golpes.

Mas não fica aí o mal do capoeirista: sua vista foi ficando fraca, fraca e atualmente ele quase não distingue mais as coisas e as pessoas.

## CREPÚSCULO

O repórter encontrou o Mestre Pastinha às 17,30 horas na janela da sua casa no Pelourinho apreciando o crepúsculo, sentado numa cadeira de rodas (ele comprou a cadeira embora dela ainda não tenha necessidade absoluta), com a mão no queixo, a fisionomia denotando uma profunda tristeza.

— Quando eu era pequeno dizia sempre que queria morrer antes de ficar velho. Até bem pouco tempo não mantinha mais essa opinião pois era bem forte. Só agora é que fui constatar aquela verdade ao ficar afastado da vida que sempre amei — disse o mestre com os olhos rasos dágua e passou a contar a sua história hamletiana.



# Porque todos gostam da Bahia

A comeca por Salvador, uma cidade de dois andares, toda em ladeiras, envolta em praias emolduradas de coqueiros, de ruas estreitas e sobrados, uma igreja em cada quadra, com seus capoeiras e candomblés, centro das artes plásticas e museus, com suas excéntricas comidas, com balanas de roupas folclóricas (e a beleza da mulata?), tudo isto é Bahia, uma terra impregnada de misticismo e história, barroca, de múltiplas origens e sem preconceitos de cér.

## O MISTÉRIO DA BAIANA

Desço o Vale do Rio Doce pelo Vitória-Minas até Governador Valadares. Depois de sofrer o agreste dessa cidade econômica e culturalmente paupérrima, num ônibus para Salvador faço o primeiro contato com baianas. A voz colorida e musical da mulata baiana, com aquele jeito peculiar de falar, um homem narrando histórias de mortes e tiros, em instantes faz com que desapareça o cansaço e esqueço o desconforto daquele dia. Foi uma radical mudança de ambiente. Aquela humor, aquela fala despreocupada, levam-me a antever a terra estranha que realmente deve ser a Bahia.

Chegamos pela manhã. Depois da acomodação no hotel, saio no meu passo apressado. Logo, porém, noto que ninguém corre. Só eu. Na Bahia todos andam devagar. Mas não param. Há um labor constante. Quando se pede uma informação, o baiano se mostra sempre um bom cicerone: explica tudo e ainda desculpa-se por não informar melhor. Conversando, qualquer pessoa, seja qual for o nível social, logo pergunta: "Gostou da Bahia?"

Pobre ou abastado o baiano ama sua terra. Para ele, seu mundo é a Bahia, que é um mundo em si mesma. Ele se sente seguro e orgulhoso de pertencer à Boa Terra e faz questão de mostrar ao visitante tudo o que ela tem para oferecer.

Desde manhã até bem tarde da noite, a baiana, com seu tabuleiro, vende acarajé e abará. De vestes típicas, com pulseiras e colares, lenço na cabeça, sentada, tranquilamente, atende à freguesia, enquanto na panela frita o acarajé. Abará e acarajé de feijão fadinho, que serve com vatapá ou camarão. E um mólho que é fogo.

A vendedora de acarajé não conversa. Mesmo quando duas ou três puntas, cuidam só do serviço. Sua presença e sua personalidade atraem a clientela. Amável no servir, quando se lhe pergunta algo, responde com voz meiga, doce, num contraste total com o volume de seu corpo. De vez bem escura, porte majestoso, essa mulher distribui simpatia. Ela está em cada quadra da Rua 7 de Setembro, na Baixa do Sapateiro, no Largo da Sé, em frente ao Mercado e até nas praias. Em toda parte vende acarajé.

E a beleza da mulata? De biquini ou de vestido, no palco ou na rua, não tem mulher mais bonita. É fascinante. Pernas compridas, bem feitas, busto saliente, bem conformada, segura, consciente de seu charme, com aquela bamboleio no andar, ninguém se lhe compara. Com razão Jorge Amado não cansa de falar em seus livros nessa mulher misteriosa. Se não fosse o preconceito da cér, a mulata da Bahia com aquela "it" venceria qualquer concurso de beleza.

## PLENA IGUALDADE RACIAL

São poucos os brancos legítimos na Bahia. Também são poucos os negros retintos. Uma população de tez escura, miscigenada, predomina. A fusão de raças foi se processando através do tempo, penetrando todas as camadas sociais. Isto fez com que desaparecesse o preconceito da cér de ambas as partes. Sente-se este fenômeno. Não é apenas o fato de ver branco com preta e vice-versa, ou preto ocupando lugar de destaque que chama atenção. Sente-se a igualdade racial. Talvez a Bahia seja o único lugar no mundo em que isto acontece. A exceção de um clube de ténis, todas as sociedades acelam elementos de cér.

Essa mistura de origens e assimilação de culturas fez com que resultasse o povo diferente que é o povo baiano: místico, dotado de riqueza interior, com uma natural bondade e uma estranha simpatia. Diferença que se encontra não só no homem da cér, mas no vaqueiro, no homem simples dos subúrbios e do interior. Viajando pelo sertão da Bahia, ou em Feira de Santana, em toda parte, encontra-se o mesmo baiano. É um homem que tem expressividade, motivação, interesse, vontade de conhecer. O que não acontece em outras áreas subdesenvolvidas. Possui, ainda, aquela traço de solidariedade que lhe permite repartir o que tem com os decais. Para exemplificar, um dia estava comprando espigas assadas, quando um indivíduo de cér que se encontrava perto, vendo que não tinha papel para o embrulho, prontamente me ofereceu um guardanapo, dizendo: "Trouxe dois guardanapos para levar espigas, posso lhe oferecer um". Mais de uma vez encontrei essa espontaneidade no baiano. Essa capacidade de cooperação me foi confirmada por outras pessoas.

## FESTAS POPULARES, CANDOMBLÉ E CAPOEIRA

Tudo na Bahia é uma mistura. Ao ritual do candomblé juntam-se as festas populares de cunho católico. A procissão de Nossa Senhor dos Navegantes, a 1º de janeiro, dizem que é a mais bela procissão marítima da Bahia, com acompanhamento de dezenas de saveiros, jangadas e lanchas. A festa de Nossa Senhor do Bonfim ou Oxalá, que, para o povo baiano, são uma única entidade, ocupa toda a terceira semana de janeiro e seus grandes dias são a quinta-feira, o sábado e o domingo. Na quinta é a procissão da lavagem, que sai da igreja da Conceição da Praia com um acompanhamento de balanas carregando potes cheios de água e de flores. Cânticos de candomblé são entoados pela multidão que, ao chegar à igreja, lava a escadaria em homenagem a Oxalá. A 2 de fevereiro é a festa de Iemanjá, no Rio Vermelho. Milhares de pessoas se concentram no local. Na procissão da tarde, são prestadas homenagens à Rainha do Mar pelos pescadores e marítimos. Durante o percurso, braçadas de flores são atiradas às águas em louvor a Iemanjá.

O calendário festivo se estende durante o ano todo, de acordo com datas fixas. A essas grandes concentrações juntam-se as festas de candomblé, sobretruída a de Oxossi, de Xangó, de Omonlu de Oxumaré, de Ogum e de Oxalá. Suas datas variam de candomblé a candomblé de acordo com o calendário ritual.

São muitos os terreiros que oferecem ao turista bona espetáculos. Na Delegacia de Jogos e Costumes encontra-se sempre a relação das festas mensais.

O candomblé, a dança que expressa o misticismo religioso negro na Bahia, veio da África. Segundo as fontes, tem origens principalmente na Nigéria e faz parte da cultura nagô-jéjé. Alguns candomblés ainda conservam toda a tradição dos seus rituais. Outros refletem a influência católica de uma cidade de muitas igrejas. Outros, ainda, são mesclados de rituais caboclos.

Existem apenas três ou quatro locais apropriados para esses espetáculos. Geralmente, os terreiros funcionam na própria residência da mãe-de-santo, em sala pequena demais para uma assistência numerosa. Fui a uma sessão em que o povo se compunha tanto, invadindo até o espaço reservado à dança, prejudicando o efeito da apresentação.

Ao som dos atabaques, agogôs e adjás, a festa teve início com as bambas (médiums candidatas à mãe-de-santo) e filhas de santo, dançando e entoando cantigas em preparação à chegada do orixá. O ponto alto da sessão inicia com a entrada em cena do pade-santo. Nessa sessão o orixá devia ser Xangó, pois vestia como um rei nigeriano. Traje branco e turbante em tecido lamination. Colar vermelho empunhava um facão. Xangó, segundo a lenda da Bahia, é rei de todo o reino nagô. Depois de executar parte da dança, retirou-se. Ao retornar passou a dançar num ritmo intenso. As bambas, então, atiraram-lhe aos braços um buquê de flores. Explicaram-me que, devido à mentalização que se formou no ambiente, pade-santo estaria agora sob a influência de Yansá, mulher de Xangó, protetora dos trovões e rios, para nós, Santa Bárbara. Com flores no braço e o facão na mão, pade-santo vai brandindo golpes para o alto e para os lados, dançando semi-inconsciente, totalmente entregue à influência do orixá. Dança horas sem parar num ritmo cada vez mais ligeiro, dando um show impecável.

Em candomblé, orixá dança de olhos fechados. No apérto daquele terreiro superlotado, com aquela facão a atirar golpes para todos os lados, vou lhes dizer: só mesmo poderes de orixá.

A pobreza desses ambientes revela o baixo nível de vida da população humilde. O próprio guarda-roupa da festa é pobre. Onde as lindas saias da balana? As bambas vestiam saias modestas. Apenas as filhas-de-santo e pade-santo tinham vestes finas e trabalhadas.

Tudo está impregnado de folclore afro, na Bahia. É o hotel Oxumaré, o Oxalá, o Xangó, o Orizá. A farmácia Oxossi (São Jorge, na Bahia), Yansá, e assim por diante. Um proprietário de bar consultava a opinião dos fregueses quanto ao nome que pretendia dar à casa: Iorubá-Bar. Fico sabendo depois que houve um reino Iorubá na África, hoje desaparecido, mas os rituais ainda podem ser encontrados na Bahia. Todo baiano, mesmo o mais culto, no fundo crê nos poderes do candomblé e invoca a proteção de algum orixá.

A capoeira é igualmente uma herança do negro escravo. Seu ritmo é um pouco diferente do candomblé, mas é da mesma fauña. Na capoeira, porém, não há pade-santo, não há orixá.

# Artes

## CAPOEIRA: "PULO" DE NEGRO NAS FUGAS PARA O QUILOMBO

### Histórias

Sem deixar que a capoeira seja sobrepujada pelo entrêdo, o Grupo Folclórico do Bonfim apresenta, depois de mostrar os golpes — ou «pulos» — algumas peças independentes:

Dentre elas há a história da manteiga: um ex-escravo, que conseguiram a liberdade através da capoeira, encontra um companheiro ainda cativo, levando manteiga para o senhor. Aborrece-se, derruba a manteiga e agride o escravo, na esperança de convencê-lo da eficácia de seu ensinamento para a conquista da liberdade. O escravo, ao contrário, revolta-se contra ele, chama outros companheiros de cativeiro e procura matá-lo. Daí, surge intensa luta, com o escravo liberto vencendo a todos, saindo com a manteiga — que então passa a significar a liberdade — mas, morrendo afinal sem conseguir prová-la.

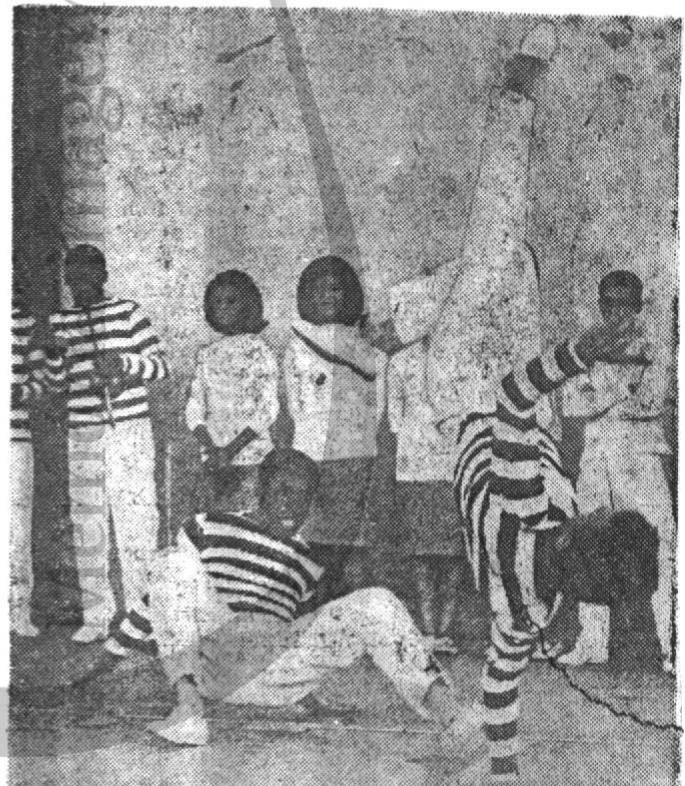
### Os golpes

Como defesa pessoal, a capoeira apresenta uma variedade quase infinita de golpes, uma vez que grande parte dêles é improvisada. Assim, temos como principais: negativa, queda de quatro, ginga, mandinga, resistência, arrastão, tescura, rasteira, corta-capim, queixada, bêngão, coice, vôo de morcego, rabo-de-arraila, aranha, salto mortal.

Ontem, o Grupo apresentou nada menos de quarenta golpes diferentes, através de seus 23 componentes, assim distibuidos: mestre, Mário Santos; mestre substituto, José Carlos (Zé Grande); chefe de ritmo, Valentim dos Santos; assessor artístico, Nilton do Nascimento; direção geral e artística, Hernato Cortês dos Santos; jogadores Cacalo (o homem da manteiga), Euclides, Deraldo, Nel, Pedrinho, João Carlos, Zé Pedro, Hélio, Wilson, Manuel, Lourival, Gilberto e Paulo; coral vocal, Geisa, Neide, Ana e Nilda; ritmo Cacalinho: Valentim, Irineu e Carlos.



...s uma das frases-pensamento de um bom capoeirista, que, com uma «ginga de corpo», ludibriaria a quantos dêle se aproximarem



Conhecendo os seus quarenta golpes principais, o capoeirista poderá se defender das mãos seguras de um braço forte

# Ribalta das RUAS

ANTÔNIO CARLOS RIBEIRO

## AS ARTES DO VELHO PASTINHA

Quase que estou fadado a só falar em gigantes e pigmeus. O meu, hoje, por exemplo, é um velhinho baiano de um metro e meio de altura, pernas curvas, carapinha branca, alguns dentes a menos, e que anda sempre impecavelmente vestido de linho branco. Um velhinho dêsses para os quais a gente cede o lugar no bonde. E no entanto eu vos afirmo que este tímido septuagenário é uma parada difícil para qualquer lutador de vale-tudo. O bom homem, em caso de necessidade, não respeita nem faca, nem porrete, porque se transforma numa ágil enguia, e enguia que tem um calcanhar treinado para fazer dormir o brutamontes mais agressivo. Os convededores do belo e perigoso jogo da capoeira já terão percebido que eu estou a falar na figura invulgar de Mestre Vicente F. Pastinha, que sabe dissimular como ninguém a sua fortaleza física e, mais ainda, os seus 74 anos bem vividos, animado certamente pela pimenta-brava do vatapá e do acajá.

-/-/-/-/-/-

Estou para dizer que Pastinha é um garoto de cabelos brancos. A alma, pelo menos, é limpa e pura como a de uma criança, e os músculos impressentados são realmente os de um jovem bem treinado. Ao som do berimbau primitivo e dissidente, que o professor Carlos Galvão Krebs nos ensina que é o precursor de todos os instrumentos de corda, Mestre Pastinha se transfigura, torna-se incorpóreo e irreal, mas ai daqueles que não conhecem todos os segredos da capoeira. A nuvem tem pernas e braços empedernidos, que num ápice derrubam o contendor e, se o quisessem, poderiam até partir a cabeça dura de um burro. Mestre Pastinha explica, com indissarcível orgulho: "Ninguém suspeita a força de um calcanhar!"

-/-/-/-/-/-

Pastinha iniciou-se na capoeira ainda menino, e desde então vive para esse jogo, que mais que um esporte é um ritual religioso com marca africana. Enquanto os capoeiristas se digladiam, com as mãos apoiaadas no chão e as pernas rodando num estranho ballet, o berimbau vai modulando o ritmo e os companheiros em semi-círculo acentuam o compasso com as mãos e fazem ressurgir as velhas vozes da origem distante. Um belo espetáculo, com força, graça e leveza, que não descobre no judô e no catch — perdoem os seus cultores — mas inegavelmente com a mesma senão com superior eficiência. E, no entanto, este emocionante e coreográfico torneio andou por muito tempo fora da lei. Não sei onde il que o Marechal Floriano o combateu com a polícia, e hoje penso que a discriminação contra os capoeiristas quem sabe se não teria um fundo zinho racial.

-/-/-/-/-/-

Pastinha foi um dos heróis dessa resistência. Conservou-se fiel à capoeira, fez centenas de "mestres", ensinou firme por mais de meio século, e — oh milagre de organização física e de pertinácia mental! — continua no casarão do Pelourinho, n.º 19, à frente da Academia Capoeira Angola, que hoje figura com realce no roteiro turístico da velha Cidade do Salvador. A capoeira está finalmente reabilitada, com o apoio constante dos folcloristas nacionais, cada vez mais ativos na difusão da ciência do "Saber do Povo", como agora se faz nas sessões do I Festival do Folclore Brasileiro no Rio Grande do Sul.

-/-/-/-/-/-

Aos folcloristas, contudo, aponto uma campanha corretiva. Buscando as origens do jogo da capoeira, encontrei no Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa uma definição que me parece passível de retificação. Ali está: CAPOEIRA — Jogo atlético em que o indivíduo, munido de mavelha ou faca, e com meneios rápidos e característicos, pratica atos criminosos. Ora, isto é uma contrafacção do jogo. Isto podia se pensar nos tempos de Floriano. Mas se o próprio Papa manda revisar o texto de algumas orações, para deles sanear as expressões pejorativas a outras confissões religiosas e a determinados povos, não vamos permitir que os nossos dicionários confundam o transcendent com o secundário. Está na hora de mudar! CAPOEIRA — Jogo atlético bem brasileiro, torneio de agilidade, que exige reflexos fulminantes e oferece belos efeitos coreográficos. E no finzinho uma breve referência aos maiores cultores da modalidade. Com o calcanhar de Mestre Pastinha puxando terra na frente...

# SIMPOSIO QUER MUDAR CAPOEIRA

A maioria das teses apresentadas na reunião, de abertura do I Simpósio sobre Capoeira opinou pela regulamentação da capoeira como esporte. O conclave foi inaugurado na noite de anteontem, na Escola Nacional de Educação Física, sob a presidência do Sr. Almir Ferreira de Almeida. As únicas vozes discordantes foram as do ministro João Lira Filho e do professor Alberto Latorre.

O Reitor da UEG, expressou a sua opinião contrária à regulamentação como esporte, colocando-a num elevado plano cultural, devendo a capoeiragem continuar como folclore. Comparou a capoeira com o samba africano, pois ambos foram absorvidos pelo brasileiro, e ainda citou a relação entre a capoeira e o futebol.

## Virtuose

O Ministro João Lira Filho fez uma comparação entre o futebol e a capoeira. Disse que a capoeira, com o seu malabarismo, próprio dos de sangue mestiço, influenciou o futebol nos seus dribles, nas suas fintas. Ambos são um esporte próprio dos trópicos. Citou como exemplo disso os que jogam futebol nas praias, debaixo de um sol abafador.

Comentou os livros de Gilberto Freire, Melo de Moraes e outros autores folcloristas sobre a capoeira, reforçando os seus argu-

mentos a favor da capoeira como folclore. "Fouco importa que ela ainda exista na Bahia, mas ela está se dissolvendo — comentou o reitor durante a sua exposição. Vamos lembrar a capoeira como traço de união cultural, disse o ministro ao terminar a sua exposição, desculpando-se logo a seguir, dos que defendiam a tese da capoeira como esporte, porque ele era contra.

## Oradores

O Sr. Alberto La Torre, catedrático de ataque e defesa da ENEF, abriu os trabalhos do simpósio, apresentando tese contra a regulamentação da capoeira como esporte.

A seguir falou o Professor Edson Carneiro, folclorista e autor de vários trabalhos a este respeito. Na sua tese, argumentou que se a tendência era a da regulamentação, que fosse regulamentada. Comentou, também, que a capoeira durante a década de 30, era competição na Bahia. Na época eram contados pontos e havia um vencedor. Logo era um esporte e, como tal, deveria ser regulamentada.

## E' luta

O Sr. André Luis Lancelotti, professor de capoeira, foi o orador seguinte. Apresentou-se favorável à regulamentação como es-

porte. — A capoeira é luta, nasceu luta e continua sendo luta. A capoeira, há muito tempo deixou de ser folclore, afirmou o orador na sua exposição. É melhor que seja regulamentada para que não caia em mãos que a divirtuem em demonstrações por dinheiro. Estas demonstrações acabam com a pureza da capoeira pelo excesso de visagenis. A Federação Carioca de Pugilismo deve encorajar o processo de regulamentação para que isto não aconteça — concluiu o Professor André Lancelotti.

Falaram em seguida o Comandante La Martine Pereira do Corpo de Fuzileiros Navais, a favor da regulamentação. Pediu também o apoio do Governo para a capoeira, como é feito com o judô no Japão. O Dr. Augusto Decâni, médico baiano, é um praticante da capoeira, também a favor. Disse que na Bahia existe um trabalho feito neste sentido, que a capoeira devia ser regulamentada como esporte, conservando canticos e o berimbau. O Dr. Valdemar Areo concluiu os trabalhos, também a favor da capoeiragem como esporte.

A próxima reunião do simpósio ainda não tem data marcada. O Presidente dará divulgação e nessa reunião serão ouvidas as opiniões dos praticantes. Na última, as academias terão vez para expressar a sua opinião.



Maria Lenk e o Ministro João Lira Filho falaram da capoeira

Diário de Notícias  
Salvador, 24.9.1964.

# Artes

## 1º Torneio Inter-Clubes de Capoeira

1º Torneio Inter-Clubes de Capoeira foi encerrado brilhantemente

17-9-1964

A F A R D E

### Primeiro torneio de Capoeira

Alcançou pleno êxito, o I Torneio de Capoeira realizado na sede do Clube Bahiano de Tênis, no seu mês de aniversário e primeiro Torneio Inter-Clubes de Capoeira, sob a direção e responsabilidade do Centro de Instrução Senavox, o Mestres da Capoeira como esporte.

Alcançou pleno êxito, o I Torneio de Capoeira realizado na sede do Clube Bahiano de Tênis, no seu mês de aniversário e primeiro Torneio Inter-Clubes de Capoeira, sob a direção e responsabilidade do Centro de Instrução Senavox, o Mestres da Capoeira como esporte.

O referido Torneio, que foi dividido em três partes — fita, peso e absoluto — teve como vencedores os jovens atletas Aimoré Carvalho, Fermar Alves, Paulo Martins, Alvaro Santos e Gildo Nascimento.

Com êxito inovador, foi realizado no mês de agosto p. passada sede do Clube Bahiano de Tênis, no seu mês de aniversário e primeiro Torneio Inter-Clubes de Capoeira, sob a direção e responsabilidade do Centro de Instrução Senavox, o Mestres da Capoeira como esporte.

Alcançou pleno êxito, o I Torneio de Capoeira realizado na sede do Clube Bahiano de Tênis, no seu mês de aniversário e primeiro Torneio Inter-Clubes de Capoeira, sob a direção e responsabilidade do Centro de Instrução Senavox, o Mestres da Capoeira como esporte.

O referido Torneio, que foi dividido em três partes — fita, peso e absoluto — teve como vencedores os jovens atletas Aimoré Carvalho, Fermar Alves, Paulo Martins, Alvaro Santos e Gildo Nascimento.

Com êxito inovador, foi realizado no mês de agosto p. passada sede do Clube Bahiano de Tênis, no seu mês de aniversário e primeiro Torneio Inter-Clubes de Capoeira, sob a direção e responsabilidade do Centro de Instrução Senavox, o Mestres da Capoeira como esporte.

O referido Torneio, que foi dividido em três partes — fita, peso e absoluto — teve como vencedores os jovens atletas Aimoré Carvalho, Fermar Alves, Paulo Martins, Alvaro Santos e Gildo Nascimento.

No referido Torneio, que foi dividido em três partes (fita peso e absoluto), sagraram-se campeões os seguintes atletas: Fita fita: Branca — Aimoré Carvalho, Cinza — Fermar Alves, Vermelha — Paulo Martins. Obs. Nas fitas azul, amarela e verde não houve competidores. Por peso: Leve — Fermar Alves, Médio — Alvaro Santos, Pesado — Gildo Nascimento. Absoluto: Fermar Alves. O campeão por ocasião do aniversário

Alcançou pleno êxito, o I Torneio de Capoeira realizado na sede do Clube Bahiano de Tênis, no seu mês de aniversário e primeiro Torneio Inter-Clubes de Capoeira, sob a direção e responsabilidade do Centro de Instrução Senavox, o Mestres da Capoeira como esporte.

O referido Torneio, que foi dividido em três partes — fita, peso e absoluto — teve como vencedores os jovens atletas Aimoré Carvalho, Fermar Alves, Paulo Martins, Alvaro Santos e Gildo Nascimento.

— esporte competitivo

# Artes

## UMA AULA DE CAPOEIRA

Depois do aquecimento prévio, o aluno treina os golpes isoladamente, para adquirir mais potência e velocidade. Depois, há o treinamento das sequências de golpes do estágio e das sequências complementares. As sequências complementares incluem os golpes do estágio e os do anterior, em combinação diferentes. A última parte é o jôgo. Corresponde a 40 por cento da aula. É feito com berimbau e o aluno utiliza, livremente, tudo o que já aprendeu.

A capoeira, apesar de ter golpes ou saídas defensivas, é eminentemente ofensiva. Os golpes são: *cocorinha*, *negativa*, *passadas*, *rolê* e *aú* (este é ofensivo e defensivo), e, excepcionalmente, *traves* e *escoros*. Raramente o capoeira tenta bloquear um ataque. A potência e velocidade dos golpes impede.

A *cocorinha*, por exemplo, é quase a primeira parte de um golpe ofensivo a *meia-lua de compasso*. A negativa — em que o capoeira cai, com as duas mãos no chão, do mesmo lado do corpo, um pé para apoio e a outra perna estendida — é a posição fundamental para o início de todos os ataques do *jôgo de chão*.

O jôgo da capoeira não admite que se segure o adversário por causa de sua movimentação veloz e porque neste caso, o capoeira estaria imobilizado também. Se tivesse de jogar contra vários adversários, perderia. Não há oposição ou bloqueio aos golpes do adversário. A defesa é a ginga e a esquiva. Os golpes, giratórios e velozes, não podem ser contidos. O capoeira só usa três pontos de apoio no solo que deve ser duro e liso, sem acolchoamento.

Nas academias, para competição, há dois círculos concêntricos marcados com cal ou tinta. O de dentro, com mais ou menos 3,5m de diâmetro é a área ideal de jôgo. O de fora, com 5m de diâmetro é o limite máximo permitido para a movimentação dos lutadores. Em caso de competição, poderá haver até um *juiz de linha*, que marcaria pontos negativos para o lutador que pisar fora do círculo maior. Se sair três vezes, estará desclassificado. Os pontos têm maior valor quanto maior seja a eficiência do contra-ataque.

O traje, a ser oficializado no simpósio, será calça e camisa de pano branco grosseiro, e pés descalços, como as roupas dos escravos. Na cintura, o capoeira usará um cordão no lugar de cinto. Será verde para o primeiro estágio, amarelo para o segundo e azul para o terceiro. Os formados receberão um cordão branco. As competições serão individuais e por equipes.

Para jogar na Academia Kapoeira, o aluno precisa levar atestado médico e uma foto 3x4. Se for maior, *Onça e Acordeon*, pedem uma fôlha corrida. Se menor, autorização dos pais. A seleção é bem feita e a maioria dos 120 alunos que aprendem com eles, agora é de estudantes.

As aulas a 50 cruzeiros novos por mês, são das 9 às 12 para mulheres (o curso feminino está em fase de reestruturação), das 14 às 16, infantil, das 16 às 18 adultos. De segunda a sexta, o funcionamento é normal. Aos sábados, das 15 às 18 horas, a Kapoeira faz *roda livre*, isto é, jogam alunos e convidados, à vontade.